

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**LUTA POR VISIBILIDADE: A COBERTURA DOS ESPORTES
OLÍMPICOS NO DIÁRIO *LANCE!* E NO PORTAL *LANCE!NET***

JONAS LORENZONI DE MOURA

RIO DE JANEIRO
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**LUTA POR VISIBILIDADE: A COBERTURA DOS ESPORTES
OLÍMPICOS NO DIÁRIO *LANCE!* E NO PORTAL *LANCE!NET***

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma
de Comunicação Social/Jornalismo

JONAS LORENZONI DE MOURA

Orientador: Prof. Dr. Fernando Ewerton Fernandez Junior

RIO DE JANEIRO

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Luta por visibilidade: a cobertura dos esportes olímpicos no Diário LANCE! e no portal LANCE!Net**, elaborada por Jonas Lorenzoni de Moura.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Fernando Ewerton Fernandez Junior
Doutor em Ciência da Informação - UFRJ-ECO/IBICT
Departamento de Expressões e Linguagens (DEL) – UFRJ

Prof. Gabriel Collares Barbosa
Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Expressões e Linguagens (DEL) – UFRJ

Prof. William Dias Braga
Doutor em Comunicação e Cultura - ECO/UFRJ
Departamento de Expressão e Linguagens (DEL) - UFRJ

RIO DE JANEIRO

2014

FICHA CATALOGRÁFICA

MOURA, Jonas Lorenzoni de.

Luta por visibilidade: a cobertura dos esportes olímpicos no Diário LANCE! e no portal LANCE!Net. Rio de Janeiro, 2014.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação
– ECO.

Orientador: Fernando Ewerton Fernandez Junior

MOURA, Jonas Lorenzoni de. **Luta por visibilidade: a cobertura dos esportes olímpicos no Diário LANCE! e no portal LANCE!Net.** Orientador: Fernando Ewerton Fernandez Junior. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho procura analisar a rotina de produção de notícias e reportagens voltadas aos esportes olímpicos sob a ótica de um dos principais veículos da imprensa esportiva brasileira, o Grupo *Lance!*, por meio de suas duas principais frentes: o diário *Lance!*, reconhecido como o maior jornal impresso do segmento no país, e o portal *Lance!Net*. O estudo parte do questionamento sobre em que medida modalidades de menor destaque na agenda de debates da sociedade brasileira, em geral apaixonada pelo futebol, estão chegando ao público à medida que se aproximam os Jogos Olímpicos e Paralímpicos do Rio de Janeiro, em 2016, ocasião em que o evento será realizado pela primeira vez no Brasil. Diante das transformações pelas quais a os grupos de mídia tradicionais tem passado, graças ao crescimento da internet, o autor pretende utilizar o caso em análise para comparar tendências do jornalismo esportivo atual em diferentes plataformas e tentar responder se, de alguma maneira, o contexto em questão favorece uma maior visibilidade dos esportes olímpicos, bem como do trabalho dos profissionais especializados no assunto.

SUMÁRIO

1. **INTRODUÇÃO**
2. **O *LANCE!* COMO MODELO DE NEGÓCIO**
 - 2.1. O surgimento de um jornal esportivo
 - 2.2. A luta por espaço
3. **A COBERTURA DE OLÍMPICOS E POLIESPORTIVO**
 - 3.1. Quem faz o Poli
 - 3.2. Critérios de noticiabilidade para os esportes olímpicos
 - 3.4. Influência econômica no noticiário
4. **TRANSIÇÃO SOB PRESSÃO**
 - 4.1. Estratégias de publicação em novas plataformas
 - 4.2. Pressão por audiência x qualidade de conteúdo
 - 4.3. O fim de um ciclo
5. **CONCLUSÃO**
6. **BIBLIOGRAFIA**
7. **ANEXOS**

1. INTRODUÇÃO

Fundado em 1997, o *Lance!* diz ter como missão “ser a referência em conteúdo esportivo no País, oferecendo um jornalismo de qualidade e independente, em defesa dos interesses do torcedor e do desenvolvimento do esporte nacional”, conforme consta nas páginas de seu jornal. A premissa não se aplica somente ao futebol, mas é o esporte preferido da maioria esmagadora dos brasileiros a razão da existência daquele que é reconhecido como o principal diário esportivo do país.

Uma análise da cobertura dos esportes olímpicos no *Lance!* permite identificar conflitos internos sobre quando reservar espaço a eles, bem como uma luta diária da equipe que trabalha para dar visibilidade a outras modalidades frente às notícias do futebol nacional e internacional, tão populares. E, por que não dizer, uma batalha desses mesmos profissionais para dar visibilidade ao próprio trabalho em um concorrido mercado?

Trata-se de uma missão difícil, tendo em vista não apenas o pouco incentivo à prática e à divulgação dos demais esportes, mas também os obstáculos que as empresas de comunicação enfrentam nos dias atuais. Os frequentes cortes de gastos nas redações impactam diretamente na produção de um conteúdo diferenciado. E o *Lance!* está inserido nesse contexto, em que as prioridades voltam-se para resultados mais lucrativos.

De qualquer forma, não é desprezível que os maiores eventos relacionados aos esportes olímpicos sejam prioridade na agenda de parte dos jornalistas do Grupo *Lance!*. Se o fato de o diário ser totalmente voltado ao conteúdo esportivo lhe garante um diferencial - um espaço maior a todas as modalidades do que em um jornal não segmentado -, na internet, por outro lado, o portal *Lance!Net* encontra forte concorrência.

Baseada na experiência pessoal do autor, que integrou o Núcleo Poliesportivo do *Lance!* entre fevereiro de 2014 até a conclusão deste trabalho, e nas metodologias de análise de notícias e entrevistas, a pesquisa procura estabelecer um panorama sobre as estratégias de divulgação das modalidades olímpicas no Grupo *Lance!*, os tipos de pautas e os conflitos entre um conteúdo aprofundado e a opção muitas vezes escolhida de privilegiar as grandes audiências. Pretende-se observar o comportamento do diário/site, por exemplo, nas ocasiões em que a vida pessoal de atletas costuma ganhar mais espaço do que matérias sobre os esportes, os campeonatos e as questões políticas e econômicas

relacionadas a eles, que despertam interesse jornalístico e estão presentes em qualquer campo, na definição de Pierre Bourdieu.

Não apenas o site *Lance!Net* forneceu exemplos valiosos, mas também o acervo do *Lance! Digital*, por meio do qual o enfoque dado no jornal pôde ser comparado com o das matérias no online. As duas principais plataformas da empresa foram analisadas entre 1º de julho de 2013 e 1º de outubro de 2014.

A escolha temporal da pesquisa pode ser explicada por três razões: primeiramente, pelo fato de as transformações decorrentes do crescimento da internet terem ficado evidentes na empresa no período, com mudanças estruturais em busca da adaptação às necessidades de produção de conteúdo digital. Dessa forma, o contexto permitiria um estudo mais eficaz dos rumos do veículo. Em segundo, por ser o momento pós-Copa das Confederações, competição de futebol realizada no Brasil, entre 15 e 30 de junho de 2013, que precedeu a Copa do Mundo no mesmo país, entre 12 de junho e 13 de julho de 2014. Por último, devido à proximidade dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, em 2016, ocasião em que o evento será realizado pela primeira vez no Brasil.

Diante dos cenários expostos, o objetivo do trabalho é identificar se a passagem de duas competições em que o futebol ganhou ainda mais força na imprensa esportiva e o crescimento da expectativa em torno de uma Olimpíada histórica têm favorecido tanto a exposição dos esportes olímpicos no *Lance!* e no *Lance!Net* quanto o trabalho dos jornalistas da empresa envolvidos nesse tipo de cobertura.

A pesquisa considerou essencial contextualizar o surgimento do jornal-empresa e, por isso, o primeiro capítulo é dedicado ao resgate histórico do *Lance!* e da trajetória de seu fundador, o empresário Walter de Mattos Junior. Para tanto, são extraídos dados e relatos de *A História do Lance! – Projeto e prática do jornalismo esportivo*, de Maurício Stycer, integrante da primeira equipe do jornal. O livro surgiu a partir de tese de dissertação de mestrado em sociologia, defendida pelo autor, em 2007.

No segundo capítulo, a pesquisa adentra os portões da redação carioca do *Lance!* e traça um panorama do Núcleo Poliesportivo na cobertura olímpica, com base em depoimentos de alguns jornalistas considerados fundamentais no processo de produção do tema em análise. Foram realizadas entrevistas com o editor-executivo da redação do Rio de Janeiro, Daniel Bortoletto, com o editor do *Lance!Net* com foco em poliesportivo de São Paulo, Rafael Valesi, e com o ex-repórter do Núcleo Poliesportivo, Fábio Aleixo, que trabalhou no *Lance!* entre 2007 e 2014 e atualmente é repórter do *UOL*, em São Paulo.

O terceiro capítulo procura mostrar as diferenças de abordagem do tema esportes olímpicos entre as principais plataformas da empresa, o diário e o portal, a partir do entendimento de que a dinâmica desse processo é reveladora de algumas das tendências do jornalismo esportivo atual. Que tipo de mudanças a empresa tem enfrentado para atender as necessidades de leitores que cada vez mais consomem informação na internet e cada vez menos vão a uma banca comprar um jornal? Que ferramentas digitais podem ser úteis nesse processo? Cabe questionar ainda como os profissionais esperam que o diário/site lide com uma cobertura de tanta importância em seu próprio país, a de uma Olimpíada, sobretudo quando consideradas as transformações recentes na rotina produtiva da empresa.

O desenvolvimento do trabalho coincide com um dos momentos mais difíceis na recente história do *Lance!*. No dia 25 de outubro de 2014, cerca de 80 profissionais foram demitidos, dentro de uma estratégia de reestruturação das formas de trabalho, com foco na produção digital, e no momento de mudança de sede do Rio de Janeiro.

A título de contextualização, vale destacar que uma das frentes do Grupo *Lance!* é a agência de notícias e fotos *Lance! Conteúdos*, que disponibiliza material jornalístico produzido nas redações a veículos parceiros, como os jornais *Extra* e a *Folha de Londrina* e o portal *Terra*. Outra frente da empresa é a *Lance!TV*, um canal de vídeos presente no *Lance!Net*, onde o leitor encontra curiosidades do mundo esportivo, jogadas de destaque dos clubes de futebol em partidas e treinos e entrevistas com personagens do mundo esportivo. Embora relevantes na consolidação do grupo de mídia de Walter de Mattos, esses segmentos da empresa não são abordados com profundidade no estudo, devido ao entendimento do autor de que sua contribuição no que diz respeito à cobertura olímpica é muito pequena, diferentemente do que acontece no jornal e no site.

É importante ressaltar que o termo “*Lance!*” poderá ser aqui empregado tanto para se referir ao jornal impresso quanto ao Grupo *Lance!* de comunicação, com as devidas distinções em cada caso. Quando houver necessidade de diferenciação entre o diário e o portal, o *Lance!Net*, ela também será explicitada.

Diante do pouco material disponível sobre o tema, espera-se que este estudo sirva de incentivo para o aprofundamento do debate sobre o tratamento dos esportes olímpicos na mídia e sobre o jornalismo esportivo, em todas as suas vertentes, no mundo acadêmico.

2. O *LANCE!* COMO MODELO DE NEGÓCIO

Em um país onde o futebol é mais do que um esporte, sendo parte inseparável da cultura nacional, não é de se estranhar que o jornalismo esportivo concentre grande parte de suas atenções nos principais acontecimentos, personagens e situações ligados a ele. As modalidades chamadas olímpicas, por sua vez, ficam restritas a poucas páginas nos grandes jornais, bem como a seções muitas vezes escondidas nas páginas da internet.

Por outro lado, os grandes veículos do Brasil veem-se cada vez mais obrigados a dar conta de uma cobertura completa sobre os fatos que não se limitam aos gramados, fenômeno que cresceu à medida que esportes como o vôlei, o judô e a vela ganharam expressão mundial. E o processo vem se intensificando graças à aproximação dos primeiros Jogos Olímpicos a serem realizados no Brasil, no Rio de Janeiro, em 2016.

Mas como tornar as modalidades olímpicas visíveis quando os holofotes voltam-se para a paixão número um de tantos brasileiros? Qual a sua relevância dentro de uma empresa que prioriza e fatura com o esporte mais popular do mundo? Que critérios norteiam a produção de conteúdo voltado aos esportes olímpicos? Passados 17 anos desde o surgimento do *Lance!*, a realidade do Século XXI não se distancia tanto daquela de quando data a circulação da primeira edição do diário, em 26 de outubro de 1997, no que diz respeito ao assunto. A resposta da empresa para esses questionamentos ainda aponta para a mesma direção: a paixão do torcedor pelo futebol, prioridade na agenda de editores e repórteres do grupo.

“Os jornais são feitos para os leitores; o *Lance!* é feito para o torcedor”. A frase, de autor desconhecido, está presente na introdução do Manual de Orientação Editorial (MOE) distribuído às redações do diário em maio de 2008. Foi o esporte mais popular do mundo o motor que impulsionou a inauguração de um novo modelo de negócios no Brasil. Os esportes olímpicos não representaram fatia significativa nesse processo. Mas o *Lance!* nunca foi concebido como um produto voltado somente para o futebol. A pretensão de seu principal idealizador sempre foi a de fazer do jornal o maior diário esportivo do país, o que abrangeria todos os esportes. O mesmo vale para o site *Lance!Net*.

A seguir, o trabalho pretende percorrer os caminhos que levaram à estruturação do Grupo *Lance!*, centrado na figura de seu fundador, o empresário e economista Walter de Mattos Junior, para demonstrar a força do esporte, sobretudo o futebol, como uma alternativa de empreendimento concebida a partir da injeção de capital de diferentes

frentes. Além disso, a pesquisa reconstituirá parte do contexto da imprensa brasileira na década de 1990, o que favoreceu o lançamento do produto objeto desta análise.

2.1. O surgimento de um jornal esportivo

Walter de Mattos Junior formou-se em economia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e chegou a cursar Jornalismo pela Faculdade Hélio Alonso (FACHA). Fez pós-graduação em negócios pela London Business School (LEP) e em administração (SEP) pela Insead França, além de curso de extensão em gestão pelo IMD Suíça e MBA Executivo em finanças pelo IBMEC. Carioca, foi criado na zona sul da cidade, em família de classe alta. Sua ligação com a profissão veio a partir das relações sociais que estabeleceu na Suíça, onde passou uma temporada quando tinha 15 anos. Foi lá que conheceu Eliane Carvalho, filha de Ary Carvalho, dono do jornal *O Dia*. Logo viria a conhecer também a outra filha do proprietário, Lígia, com quem se casaria, em 1987.

Depois de trabalhar durante 10 anos como diretor de planejamento e finanças no *Grupo Frota Oceânica*, empresa da indústria naval brasileira cujo dono, José Carlos Fragoso Pires, era amigo de seu pai, Walter de Mattos aceitou proposta de Carvalho para ocupar um cargo na “hierarquia” do jornal do sogro: o de diretor-superintendente. Durante o período em que trabalhou em *O Dia*, o jornal viveu uma fase de crescimento. Contratou profissionais qualificados e deu um salto em termos de alcance às classes B e C, o que rendeu prestígio crescente a seu dono e teve impacto decisivo no faturamento da empresa.

Com o passar do tempo, porém, Walter passou a discordar de algumas estratégias adotadas pelo grupo, como uma tentativa de competição com jornais de classe média, casos de *O Globo* e *Jornal do Brasil*. Cada vez mais, crescia nele o desejo de ser dono do próprio negócio e de ditar as regras do seu jeito. Após nove anos, deixou *O Dia*. Neste trecho do livro *História do Lance! – Projeto e Prática do Jornalismo Esportivo*, de Maurício Stycer, o empresário resume, em um tom otimista, sua passagem pelo diário.

Nove anos. Do final de 1988 até 1996. Fui vice-presidente quase o tempo todo. Quando eu cheguei lá, *O Dia* vendia 180 mil exemplares. Quando eu saí, vendia 340 mil. A edição dominical, que vendia 200 e poucos mil exemplares, quando eu saí vendia 500 e tantos mil. Chegou a ter edições de mais de um milhão de exemplares. Eu era o CEO, o principal executivo. (MATTOS *apud* STYCER, 2009, p. 134)

A ascensão de Mattos no jornalismo, na transição de subordinado em *O Dia* para dono e editor no *Lance!*, sempre esteve associada à figura de um novo ator no restrito clube dos donos de jornais (STYCER, 2009). Ou um aventureiro, como muitos o taxaram. Mas uma característica em sua administração o diferenciava do chefe padrão dos conglomerados midiáticos impressos da época: a adoção de um modelo empresarial inovador, baseado na constituição de um grupo de sócios e com auxílio de capital estrangeiro, diferente do modelo familiar dominante na segunda metade do Século XX, no qual as empresas eram herdadas de parentes e repassadas de geração em geração.

Dados de apresentados em *Mídia: crise política e poder no Brasil*, de Venício Artur de Lima (2006), mostram que a maioria esmagadora dos meios de comunicação de massa no Brasil era controlada por apenas dez grupos no início da década de 90. Todos familiares: os Abravanel, (SBT), os Bloch (Manchete), os Civita (Abril), os Frias (Folha), os Levy (Gazeta Mercantil), os Marinho (Globo), os Mesquita (O Estado de São Paulo), os Nascimento Brito (Jornal do Brasil), os Saad (Bandeirantes) e os Sirotsky (Rede Brasil Sul). É justamente essa estrutura que Walter altera com a chegada do *Lance!* ao mercado.

Da mesma forma como a mídia impressa vive hoje uma crise diante da difusão da internet, nos anos 1990 a situação não era das mais fáceis para os empresários do setor, mas por outras razões. Jornais, revistas e redes de tevê se endividaram com a alta do dólar, o que interrompeu um período de valorização do real frente à moeda norte-americana. O aumento dos preços interferiu no encarecimento de papel, tinta, chapas e filmes.

A partir de 1994, com a implantação do Plano Real, responsável pela queda da inflação e pela valorização do real frente ao dólar, e diante da ausência de crédito de longo prazo no país, as principais empresas do setor se endividaram em moeda estrangeira, no exterior. Foram estimuladas pela crença de que a política cambial do primeiro governo Fernando Henrique Cardoso (1995-1998), que manteve o real atrelado ao dólar, seria mantida *ad eternum*, o que não aconteceu. Como se sabe, a política foi alterada drasticamente logo depois da reeleição, duplicando ou triplicando as dívidas contraídas em dólar. (STYCER, 2009, p.5)

O contexto da criação do diário é o mesmo da decadência do que poderiam ser considerados os seus dois principais concorrentes: *Gazeta Esportiva*, em São Paulo, e *Jornal dos Sports*, no Rio de Janeiro, os únicos veículos dedicados exclusivamente ao esporte. Segundo relato de Walter a Stycer, o empresário chegou a receber uma oferta para comprar o jornal carioca, mas as negociações não avançaram. Os preços cobrados neste e

em outros casos eram algo que ele chama de “fora de realidade”, devido ao “valor político” e ao “valor emocional” representado por um jornal a seu dono.

Foi então que Walter viajou para a Europa com algumas ideias na cabeça, mas sem uma perspectiva clara do que viria a idealizar. Visitou as redações de jornais como o *Marca*, da Espanha, o *L'Equipe*, da França, e a *Gazzetta dello Sport*, da Itália, e percebeu como o processo de transformação do futebol em um negócio tinha impactado positivamente nas empresas jornalísticas naqueles países. Tal processo pode ser explicado por três fatores: a transformação dos clubes de futebol em empresas com fins lucrativos, o impulso à comercialização dos direitos de transmissão para tevê dos eventos esportivos em bases rentáveis e o crescimento dos investimentos em marketing de empresas que fornecem equipamentos e serviços para o negócio (STYCER, 2009). O contexto, como se pode ver, é o da difusão das políticas liberais dos anos 90. Antes disso, ainda em 1996, Walter começou a se inteirar sobre o projeto do jornal argentino *Olé*, do Grupo *Clarín*, lançado naquele ano, e que tinha como designer gráfico o espanhol Antoní Cases, sócio principal do escritório *Cases i Associats*.

De volta ao Brasil, o empresário fechou uma parceria com o catalão, cuja empresa entraria para a sociedade do jornal em 2004, para começar a estabelecer um modelo visual que tornaria seu produto atrativo, nos moldes de tabloides como o *Marca* e o *Olé*. A partir disso, começou a articular seus primeiros possíveis sócios, já confiante de que um projeto em moldes parecidos com o que ele observara no exterior poderia render frutos. Os primeiros foram Marcos Falcão, da Icatu, e Bruno Rocha, do Dynamo. Mas ele precisava de mais. Era ambicioso. Por isso, inaugurou uma espécie de cartilha em defesa do que chamou de “onda do esporte”. Aos poucos, também selou acordo com o Banco Bozano Simonsen e com a Petroserv, uma fornecedora da Petrobrás, antes de incrementar o negócio com a participação da família Marinho, dona das Organizações Globo.

Para convencer outros investidores, o empresário apostou em algumas premissas. Primeiro, a estabilidade econômica do país, a partir da implementação do Plano Real, em 1994, que reduziu a inflação e possibilitou o aumento do poder de compra das classes C e D. O cenário favorecia, entre outras possibilidades, a venda de jornais.

Outro ponto era a modernização da legislação esportiva, que caminhava no sentido da transformação do futebol em negócio, com a Lei Pelé¹. Os clubes passavam a ser empresas com gestões profissionais e não mais amadoras. Tanto que muitas agremiações pequenas acabaram sucumbindo. Por fim, Mattos se debruçava na alteração da legislação da mídia no país. Naquele momento, já se discutia a entrada de capital estrangeiro nas empresas brasileiras de comunicação.

O endividamento das empresas de comunicação reforçou um lobby no Congresso, iniciado ainda na década de 90, no sentido de permitir que empresas de comunicação tivessem sócios estrangeiros ou, tão importante quanto, pudessem ser adquiridas por empresas brasileiras (até então, somente pessoas físicas podiam ser sócias de jornais, revistas ou emissoras de tevê). (STYCER, 2009, p.94)

A pressão teve resultados, mas não de imediato. Somente em dezembro de 2002 um projeto de emenda constitucional foi aprovado, autorizando a participação de empresas do exterior em até 30% do capital das brasileiras, além de permitir que pessoas jurídicas pudessem se tornar sócias ou proprietárias de veículos. Mas fato é que o *Lance!* saiu do papel, com investimento estrangeiro, antes mesmo da mudança na legislação. Em entrevista a Stycer (2009), o empresário admite que foi necessário utilizar um artifício para se adaptar às leis: a Areté Editorial S/A, razão social da entidade que edita o jornal, foi criada apenas com pessoas físicas, financiadas por empresas privadas. Todo o dinheiro dos investidores entrava sob o rótulo de títulos de crédito, chamados debêntures. Na prática, os sócios eram acionistas. Mas não no papel. Walter de Mattos garante que a prática nunca foi contestada.

Em apenas dois anos, o *Lance!* tornou-se o diário esportivo mais vendido no Brasil. Passados oito anos de sua criação, ele já era o nono jornal de maior circulação no país, faturando 70 milhões de reais. Em 2007, era o décimo maior periódico do país, segundo dados são do Instituto Verificador de Circulação (IVC). Além disso, foi o primeiro jornal de grande circulação a ser inaugurado no país em quase 20 anos. Antes

¹ A Lei 9.615 de 24 de março de 1998, conhecida como Lei Pelé, é uma norma jurídica brasileira sobre desporto, com base nos princípios presentes na Constituição, e cujo efeito mais conhecido foi ter acabado com o passe de jogadores de futebol, instrumento que os vinculava aos clubes além do contrato de trabalho, impossibilitando-os de deixar seus times sem autorização dos mesmos. A medida revogou a chamada Lei Zico (Lei nº 8.672, de 6 de julho de 1993).

dele, a última tentativa havia sido o *Jornal da República*, de Mino Carta, criado em agosto de 1979, mas fechado logo em 1980.

O *Lance!* deve ser feito para satisfazer não só o leitor, mas o torcedor. O jornalista do *Lance!* deve ter a sensibilidade de perceber como pensa o leitor, o que as páginas do diário devem estampar para que ele fique, sempre, satisfeito, que se surpreenda a cada dia, que considere ter valido a pena investir seu tempo e cada centavo na compra de seu exemplar. É nosso desafio produzir diariamente material jornalístico interessante, original, bem-humorado, profundo e analítico. Uma radiografia completa do mundo dos esportes.²

É importante destacar que o portal *Lance!Net* teve um papel importante desde a fundação do *Lance!*. Walter tinha a pretensão de criar um grupo de mídia, e não apenas um jornal. E a primeira parte do capítulo da história do empreendimento passa por uma curiosidade: o site surgiu uma semana antes do diário impresso. A data estipulada para a circulação da primeira edição era 19 de outubro de 1997. Mas, devido a dificuldades técnicas para que se imprimisse o produto em boa qualidade, o empresário optou pelo adiamento para 26 de outubro. Mesmo assim, a versão digital já estava no ar.

Naquela semana, o site era embrionário. Era possível encontrar seções que não direcionavam o leitor a nenhuma página, visto que elas ainda estavam em fase de planejamento. Mas sua simples presença já era um indicativo de uma preocupação em divulgar a marca em diferentes plataformas (EWERTON, 2014)³.

É provável que, pelo fato de o *Lance!Net* ter encontrado desde sua criação uma concorrência maior do que o jornal, o segundo tenha sido alvo de maior interesse. Afinal, ao fim da década de 1990, o leitor só podia encontrar nas bancas uma única opção de periódico voltado a esportes, um dos assuntos que despertam maior curiosidade na agenda de debates dos brasileiros: o *Lance!*

A estratégia para alavancar o *Lance!* no mercado passou pela delimitação de seu público-alvo. Segundo dados do Instituto Ipsos Marplan de 2013⁴, 88% dos leitores do

² Trecho da introdução do Manual de Orientação Editorial do *Lance!* de maio de 2008

³ Entrevista de Fernando Ewerton, professor da Escola de Comunicação da UFRJ e integrante da primeira equipe do *Lance!Net*, concedida ao autor, em 26/09/2014.

⁴ Disponível em: <http://hotsites.lancenet.com.br/midiakit/audiencia/>. Acesso em 23/09/2014

diário são do sexo masculino, 63% com idade entre 18 e 39 anos e em sua maior parte (44%) proveniente da Classe B. O panorama não é muito diferente da época de sua criação.

O formato é de tabloide, grampeado, e seu projeto gráfico é caracterizado pela variedade de cores. A Copa do Mundo de futebol de 2014 marcou uma reestruturação na concepção gráfica do diário, com diminuição de uso de cores e certa padronização das páginas. Mas o formato não foi alterado. Abaixo, a reprodução de um e-mail do editor-chefe do *Lance!*, Luiz Fernando Gomes, para todas as redações, em que ele faz uma avaliação sobre o resultado do novo projeto, colocado em prática no dia 10 de julho de 2014.

Senhores, estou orgulhoso. Fizemos uma edição de estreia do novo projeto em alto nível. No mundo da informação online, dos fatos reportados em tempo real, conseguimos mostrar ao leitor que vale a pena ele ir a banca, gastar dinheiro e levar para casa alguma coisa que vá além do que ele viu na TV ou na web. Temos uma edição com muita análise. Com muita opinião. Com informação aprofundada, exclusiva. Temos um design moderno, dinâmico, com títulos fortes e valorizando os textos. Temos, sobretudo, um desafio. Que não seja a estreia, tão somente. Que possamos, ao longo dessa copa (*sic*) e depois dela, manter a qualidade que vai nos garantir a relevância junto aos leitores. Vamos contar histórias. Vamos emocionar. Vamos fazer história. E cursar a história desse Lance. Parabéns a todos. E bola pra frente.⁵

Mattos sempre se orgulhou de atrair um público jovem e qualificado. Afinal, uma das formas encontradas para alavancar as vendas e adotada até hoje é a realização de promoções com selos. Juntando um determinado número em sequência, o leitor pode trocar por mercadorias relacionadas ao futebol. Isso mostra a importância que a empresa dá em manter um público de poder aquisitivo fiel. Portanto, além de apostar em um modelo de diário mais analítico, a intenção é de, cada vez mais, criar estratégias para que o leitor se sinta estimulado a comprar o produto.

Apesar dos esforços para que o diário seja atrativo, a diretoria já trata as plataformas digitais (*Lance!Net* e *Lance!Mobile*) como prioridade em termos de investimento. Em entrevista concedida em 2006 para o portal Jornalistas e Cia.⁶, o empresário responde afirmativamente a questionamento sobre se o jornal era o carro-chefe

⁵ E-mail enviado para as redações do Rio e de São Paulo, 10/07/2014. Assunto: “Novo Lance”

⁶ Disponível em: <http://www.jornalistasecia.com.br/protagonista05.htm>. Acesso em 08/09/2014

da empresa. Hoje, porém, em um processo comum a todos os veículos impressos da atualidade, o *Lance!* é apresentado como um grupo multimídia em que o jornal impresso é apenas uma das vertentes.

2.2. A luta por espaço

Para o sociólogo francês Erik Neveu (2001), o jornalismo é um campo de atuação profissional, e não uma forma de conhecimento, na medida em que nele se apresenta uma série de fatores limitadores que comprometem uma análise científica. Como exemplos, ele menciona a “mitologia” que envolve a profissão, encarada desde meados do Século XIX como um “quarto poder” na sociedade, sendo este indispensável aos regimes democráticos. Além disso, diz, as referências bibliográficas sobre o tema provêm quase sempre dos próprios jornalistas, o que leva a uma abordagem “não-isenta”. Outro fator que reforçaria a mitologia do jornalismo é a exaltação das novas tecnologias como revolucionárias, sem que se faça uma análise crítica de suas possibilidades de utilização.

Tais concepções dialogam com os estudos de Bourdieu (1997), que enfatiza as limitações a que a atividade jornalística está submetida, como o poder do estado e o poder econômico das grandes empresas, que, para mantê-lo, priorizam índices elevados de audiência. De acordo com a teoria da *agenda setting*, as notícias determinam quais acontecimentos terão direito à existência na pauta dos debates públicos. São elas que definem os significados dos acontecimentos, ao oferecerem interpretações.

Assim, a luta dos esportes olímpicos por um espaço situa-se num contexto complexo. Como vimos, o *Lance!* foi inaugurado em meio à profissionalização do futebol, visto como fonte de lucros para os clubes e de receita para os jornais. Os fatores econômicos, portanto, se sobressaem na definição sobre o que a agenda esportiva irá colocar diante de seu leitor. É inegável que o interesse dos brasileiros pelo futebol é maior do que por qualquer outro esporte, o que por si só justifica o número reduzido de páginas dedicadas às outras modalidades. Porém é importante observar que os imperativos de ordem econômica contribuem para o quadro em que os esportes olímpicos têm pouca ou, em alguns períodos, nenhuma expressão na pauta de debates. A exceção são os Jogos Olímpicos, como será exposto mais em diante. De qualquer modo, é notável que o espaço destacado pelo *Lance!* aos olímpicos é o maior na imprensa esportiva do país.

Não poderíamos deixar de citar a espetacularização como um aspecto problemático do jornalismo como conhecimento. O que distingue uma matéria jornalística de um relato científico, de um texto didático ou de um relatório policial é o fato de que se dirige a pessoas que não tem obrigação de ler aquilo. Em consequência, procura de alguma forma aliciar as pessoas para que se interessem por aquela informação, através de técnicas narrativas e dramáticas. Isto não é um mal em si, o uso destas técnicas se justifica amplamente pela eficácia comunicativa e cognitiva que proporcionam. O problema é quando passam a ser utilizadas em função de objetivos que não os cognitivos, como a luta comercial por audiência e o esforço político de persuasão. No cotidiano do jornalismo praticado em nossas sociedades, é muito difícil distinguir entre estes três tipos de objetivo. (MEDITSCH, 1997)⁷

A redação de um jornal impresso nos dias de hoje coloca seus profissionais diante de uma dicotomia. Ao mesmo tempo em que se valoriza cada vez mais as possibilidades de difusão da informação pelas mídias digitais, a conquista de espaço no papel para a publicação de uma matéria é sinônimo de reconhecimento interno e externo. Embora todos admitam a diminuição da relevância do jornal impresso, devido às limitações de tempo para que seu conteúdo chegue até o leitor, muitos jornalistas frustram-se por não conseguirem emplacar um texto na plataforma mais tradicional da empresa.

Mais do que o furo – que não pode mais esperar para ser dado no dia seguinte –, a matéria, até mesmo “fria”, significa a conquista de um espaço. O repórter, ao ter pauta aprovada, sente que superou a concorrência interna e ganhou pontos com seus editores. No que diz respeito aos esportes olímpicos, é comum que a equipe busque enfoques originais sobre atletas, treinadores e dirigentes, e informações de bastidores pouco exploradas em razão do pequeno número de profissionais de imprensa dedicados a apurá-las. Em comparação com o futebol, é muito mais fácil obter um furo na cobertura de um esporte olímpico, devido à quantidade reduzida de repórteres designados a cobri-los.

Dos últimos cinco anos para cá, o *Lance!* tem adotado a estratégia de divulgar o mais rápido possível no portal as informações obtidas em primeira mão. Apenas quando se tem absoluta certeza de que a informação é de fato exclusiva e não será vazada para outro veículo considera-se segurá-la para a edição do dia seguinte do jornal. Nesse caso, o texto é programado para entrar no site na manhã em que o diário começa a circular.

O fato de o *Lance!* estar vivenciando a árdua e gradual transição do impresso para o

⁷ Conferência realizada nos Cursos da Arrábida – Universidade de Verão. Disponível em:

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.html>. Acesso em 07/09/2014

online, assim como tantos outros grandes veículos, tende a aproximar o trabalho de uma discussão frequente no mundo acadêmico. Tal processo, que poderia render uma monografia à parte, interfere diretamente na dinâmica da redação, em geral, da equipe de poliesportivo, em particular, visto que os parâmetros para as plataformas impressa e digital são distintos, gerando abordagens também distintas dos esportes que estão abaixo do futebol na lista de prioridade da maioria esmagadora dos brasileiros.

3. A COBERTURA DE OLÍMPICOS E POLIESPORTIVO

Principal diário esportivo no país, o *Lance!* é apenas um dos produtos de um grupo de comunicação de mesmo nome que tem vivido as dificuldades da transição do papel para a plataforma digital nos últimos anos. Como foi exposto, o futebol é o combustível para a produção de conteúdo do veículo. O noticiário de poliesportivo, ou seja, de todas as modalidades que não são o futebol, ocupou durante 17 anos de três a cinco páginas na versão impressa e uma seção online abastecida durante o dia, o que ainda acontece. A partir de outubro de 2014, o espaço no papel foi reduzido para uma média duas páginas, parte de um processo de mudanças internas que serão detalhadas no próximo capítulo.

Segundo o Manual de Orientação Editorial (MOE) do *Lance!*, o desafio da cobertura de poliesportivo é “atender à expectativa de quem entende as regras, pratica ou acompanha de perto o noticiário de uma determinada modalidade, e à curiosidade, à leitura quase despreziosa de quem se interessa por um jogo, uma prova ou um atleta específico”. Portanto, tratam-se de dois tipos de público-alvo. Os jornalistas do veículo têm de buscar o equilíbrio entre uma análise extremamente didática e, conseqüentemente, desinteressante para o leitor fanático, e outra muito profunda, incompreendida pelo leitor curioso, que tem pouca familiaridade com o tema, e nem por isso deve ser excluído.

Em ocasiões excepcionais, e nada é mais especial no universo dos esportes olímpicos do que os Jogos Olímpicos, a média de espaço dessas modalidades no impresso aumenta para até oito páginas, com um caderno especial voltado exclusivamente para a cobertura do evento. A capa também tem seu formato alterado, com tamanho expandido para a contracapa, de modo que se dê destaque não só às notícias dos clubes de futebol, mas também às competições olímpicas. O site, por sua vez, ganha uma seção voltada para a Olimpíada⁸, além de ter seu layout modificado.

As informações foram recolhidas com base em relatos sobre o material publicado no jornal e no site nas quatro Olimpíadas da história do *Grupo Lance!*: Sydney-2000, Atenas-2004, Pequim-2008 e Londres-2012. “O Poli tem capas em momentos-chave e tem

⁸ A imprensa esportiva costuma utilizar os termos Olimpíada ou Olimpíadas para se referir aos Jogos Olímpicos. Porém, a palavra Olimpíada, em sua origem, dizia respeito à medida de tempo utilizada na Grécia Antiga para marcar o período de quatro anos entre dois Jogos Olímpicos. Como procedimento padrão, o *Lance!* adota o singular para denominar o evento, a menos que se queira fazer referência a mais de uma edição. Neste caso, utiliza-se o plural.

capa sempre em Olimpíada, desde Sydney. Se for feita uma conta, considerando todo esse período, você tem aí pelo menos 150 capas de Poli. Acho que é um número considerável, tendo em vista nossa cultura do futebol” (BORTOLETTO, 2014)⁹.

É importante compreender o significado dos Jogos Olímpicos para se chegar a uma explicação razoável para o motivo dessa expansão da cobertura jornalística no período do evento, algo que não se restringe ao *Lance!* e vale tanto para o Brasil como para outros países. Os Jogos da Era Moderna foram refundados em 1894 pelo Barão Pierre de Coubertin, passados mais de 2.500 anos desde o período em que as competições marcaram a Antiguidade, entre 776 a.C até 393 a.C. Dentre os esportes de maior destaque no primeiro momento da Olimpíada na História, estavam pentatlo, luta e corridas pedestres e corridas equestres. Atualmente, o programa olímpico conta com 28 modalidades.

O Barão Pierre de Coubertin foi o responsável pelo resgate dos Jogos Olímpicos. Inspirado nos ideais dos gregos, ele acreditava que a educação física era um fator determinante na educação moral. O educador francês viu na realização da competição uma forma de propagar esta filosofia pelo mundo. Os primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna, realizados na cidade grega de Atenas, em 1896, resgataram o objetivo de incentivar o maior desenvolvimento possível das aptidões físicas e intelectuais do ser humano.¹⁰

Na concepção como é conhecido hoje, os Jogos Olímpicos podem ser entendidos como um espetáculo midiático, em que há um conjunto de relações entre os agentes esportivos e as instituições que concorrem pela produção e comercialização das imagens que ele produz. Dente esses agentes, destaca-se o Comitê Olímpico Internacional (COI), que nada mais é do que uma empresa com orçamento anual de 20 milhões de dólares, dominada por representantes das grandes marcas industriais, que controla a venda dos direitos de transmissão. Para os Jogos de Barcelona-1992, esses direitos foram avaliados em 633 bilhões de dólares (BOURDIEU, 1997).

São imensos os recursos envolvidos em uma transmissão global que envolve a participação de duzentos países, mais de dez mil atletas, uma audiência estimada de cinco bilhões de telespectadores e que custa quase quatro bilhões de dólares para que as televisões de diversos países

⁹ Entrevista concedida por Daniel Bortoletto, editor-executivo do *Lance!*, ao autor, em 2/10/2014. Ver Anexo X p.XIII.

¹⁰ Disponível em: <http://www.cob.org.br/movimento-olimpico/jogos-olimpicos>. Acesso em: 4/10/2014

transmitam um evento que dura dezessete dias a cada quatro anos. Esses dados são apenas dos Jogos Olímpicos de Verão. Quando são considerados os Jogos Olímpicos de Inverno, esses números são da ordem de oitenta países, três mil atletas e uma audiência televisiva estimada de 1,5 bilhão de telespectadores (CARVALHO, 2012, p.9).

Além disso, o COI controla os direitos de patrocínio, a escolha das cidades-sede, as companhias de televisão que concorrem pelos direitos de retransmissão dos Jogos e as empresas multinacionais que buscam associar de forma exclusiva seus produtos à marca do evento olímpico.

(...) No jogo esportivo, o campeão, corredor de cem metros ou atleta do decatlo, é apenas o sujeito aparente de um espetáculo que é produzido de certa maneira duas vezes: uma primeira vez por todo um conjunto de agentes, atletas, treinadores, médicos, organizadores, juízes, cronometristas, encenadores de todo o cerimonial, que concorrem para o bom transcurso da competição esportiva no estádio; uma segunda vez por todos aqueles que produzem a reprodução em imagens e em discursos desse espetáculo, no mais das vezes sob a pressão da concorrência e de todo o sistema de pressões exercidas sobre eles pela rede de relações objetivas na qual estão inseridos (BOURDIEU, 1997, p. 125).

Fora a ocasião da Olimpíada, é raro encontrar uma capa do *Lance!* que tenha como manchete qualquer esporte olímpico. Para que isso aconteça, conforme constatado por esta pesquisa a partir da análise de capas do diário entre 1º de julho de 2013 e 1º de outubro de 2014, é necessária uma conjunção de dois fatores: o esporte olímpico precisa ter obtido um feito expressivo, de grande repercussão na mídia esportiva no dia anterior, e os quatro grandes clubes de futebol do estado terem acumulado derrotas ou empates, ou não estarem disputando nenhuma competição importante. Em entrevista a Stycer (2008), o jornalista André Fontenelle, atualmente editor-chefe do SporTV em São Paulo, e primeiro editor-executivo da redação paulista do *Lance!*, explica como a manchete principal era definida.

A primeira coisa era ver quem ganhou na rodada. O São Paulo perdeu, o Corinthians perdeu, o Palmeiras perdeu, e o Santos ganhou: o Santos era manchete. Agora, se todos perderam, a gente via quem estava em melhor situação, e saía com um título como “Dá pra virar”, esse tipo de coisa. Se o clube estava afundado numa crise grave, o treinador saiu, a gente ia procurar saber quem ia ser o novo treinador, sempre tentando dar uma esperança para o leitor. (FONTENELLE *apud* STYCER, 2006, p.208).

É possível, a partir do depoimento acima, imaginar a dificuldade de tornar viável,

dentro da proposta de um jornal para o torcedor de futebol, o enfoque em um esporte diferente fora do contexto dos Jogos Olímpicos. No período analisado, foram apenas três ocasiões em que o esporte olímpico foi manchete principal de uma edição do *Lance!*.

A primeira foi na edição do Rio de Janeiro, no dia 2 de setembro de 2013 (Anexo I, p.I). A manchete “Show das Poderosas” enaltecia dois feitos de atletas brasileiras em competições importantes: o nono título do Grand Prix pela Seleção Feminina de Vôlei, no Japão, e a medalha de prata da Seleção Feminina de Judô na disputa por equipes do Campeonato Mundial, no Rio de Janeiro, melhor posição do país na categoria na história da competição. Nas chamadas menores, na parte inferior da página, estão os resultados frustrantes dos três grandes clubes que entraram em campo na rodada do dia anterior do Campeonato Brasileiro: “Vasco vê ataque funcionar, mas defesa vacila e colabora com líder Cruzeiro”; “Fla é goleado no aniversário de 103 anos do rival. Rebaixamento já preocupa”; e “0 a 0 em casa deixa Fogão mais longe da ponta e com risco de sair do G4”. O Fluminense, que não havia jogado no dia anterior, teve como destaque a chamada “Flu faz exame em Fred hoje para saber tamanho do estrago”.

A segunda ocasião em que o esporte olímpico virou manchete no período analisado foi uma capa nacional. No dia 23 de dezembro de 2013 (Anexo II, p.II), o *Lance!* estampava o título inédito da Seleção Feminina de Handebol no Campeonato Mundial, na Sérvia. A página trazia as palavras “Histórico!” e “Sensacional!”, com o subtítulo “Seleção feminina bate a Sérvia e fatura o título inédito mundial. *Lance!* estava lá e conta detalhes da conquista”. Na parte inferior da capa, as chamadas para os grandes clubes do Rio de Janeiro diziam respeito ao período de transferências no mercado, no momento em que os times não disputavam nenhuma competição. A primeira, do Fluminense, dizia “Pressão por Renato: Unimed condiciona reforços a acerto com técnico”; seguida por Flamengo, com “Esquenta o caso Luiz Antonio”; Botafogo, com “Um novo estilo para 2014”; e Vasco, com “Reforço só para a diretoria”.

Creio que o espaço dos esportes olímpicos no diário poderia ser como é em veículos do exterior, como o *Olé* (Argentina), *L'Equipe* (França) e *Marca* (Espanha), onde as modalidades olímpicas são muito mais valorizadas e às vezes até mesmo são a capa do diário. No *Lance!*, as capas de assuntos poliesportivos são raríssimas. (VALESI, 2014)¹¹

¹¹ Entrevista concedida por Rafael Valesi, editor de Poliesportivo do *Lance!Net*, ao autor, por e-mail, em 3/10/2014. Ver Anexo XI, p.XVII.

A terceira capa marcada pelo protagonismo de um esporte olímpico no período foi publicada no dia 29 de setembro de 2014 (Anexo III, p.III), com o título “Gigante!”. O Flamengo conquistara no dia anterior o título inédito da Copa Intercontinental de Basquete, torneio considerado pela Federação Internacional de Basquete (FIBA) o Mundial Interclubes, ou seja, a competição de maior importância no calendário dos clubes. O feito foi obtido com vitória sobre o Maccabi Tel Aviv, de Israel, por 90 a 77, na HSBC Arena, no Rio de Janeiro, revertendo a desvantagem do Flamengo no primeiro confronto (69 a 66), dois dias antes. Neste caso, o fato de envolver um clube grande como o Rubro-Negro carioca contribuiu para a enorme repercussão do feito em toda a imprensa esportiva. Porém, o desempenho do futebol em campo também ajudou. O próprio Flamengo fora derrotado (pelo Bahia, por 2 a 1) no Campeonato Brasileiro no domingo que antecedeu a edição, como pode ser lido em chamada pequena no canto esquerdo da página: “Flamengo acumula quarto jogo sem vitória e precisa abrir o olho para não voltar para a confusão”, seguida de “Botafogo para no forte sistema defensivo de Felipão, vê rivais ganharem e fica só um posto acima do Z4”. O Fluminense, que não jogou na véspera, teve chamada para “Sem jogo no meio de semana, Flu vê pausa com bons olhos para tentar recuperar bom futebol”, semelhante ao Vasco, cuja chamada foi “Vasco celebra tempo para treinar, mas deve passar semana sem Joel, que foi internado”.

A disputa do esporte olímpico com o futebol por uma capa é desigual, por causa da paixão do brasileiro pelos clubes. Em alguns casos, como em vitória de clube e um grande evento de esporte olímpico, a gente discute com a direção. Quando os clubes não concorrem, só facilita. Se os clubes tivessem ganhado nesses três casos mencionados, o destaque aos esportes olímpicos ainda sim existiria, ainda que menor. (BORTOLETTO, 2014)

O espaço a ser destinado ao Poli em uma edição do impresso é definido pelos editores do “mesão”¹², o que acontece por volta das 14h. Na noite anterior, o editor do núcleo envia um e-mail no qual faz o pedido de páginas e vende as pautas previstas para o dia seguinte. Assim, é realizada uma avaliação, de acordo com o noticiário geral do dia, para que se decida o espaço total a ser reservado no impresso. Em relação ao site, como não há restrição espacial, o editor do núcleo basicamente lista os eventos que devem ser

¹² Grupo que reúne em uma mesa no centro da redação editor-executivo, editor de fechamento e editores de núcleos. Há um mesão na sede carioca e outro na paulista. O termo teve origem em O Globo, de onde grande parte dos primeiros jornalistas do *Lance!* foram contratados.

registrados (notas com resultados de competições e provas, crônicas de jogos, tempo real de jogos). Devido à velocidade com que circulam as informações, a maior parte da produção acaba sendo definida no decorrer do dia. Cabe observar que o editor de Poli, a partir das mudanças internas na empresa, concentra-se apenas no portal, o que acontece em de outubro de 2014, e não no diário, como ocorria antes, sem que houvesse um responsável pela edição deste tipo de conteúdo na internet. O fechamento do impresso, por sua vez, passa a ser atribuição dos repórteres, enquanto a edição fica a cargo da equipe do mesão.

Na versão impressa, o *Lance!* concorre com grandes jornais, como *O Globo* e *Folha de São Paulo*, em busca de furos e recortes originais a respeito do universo olímpico, além de procurar informar o que de mais relevante acontece nos mais diversos esportes dentro de um dia. Na internet, busca o factual forte, tendo como alguns de seus principais concorrentes o *Globoesporte.com* e o *UOL*, sites caracterizados por investirem em profissionais dedicados aos outros esportes que não o futebol. À medida que os Jogos do Rio-2016 se aproximam, a tendência é que essa concorrência seja cada vez maior.

Acho que houve uma valorização maior do esporte olímpico no Brasil por o país ser sede da Olimpíada de 2016. Modalidades que antes eram pouco faladas, como pentatlo, luta olímpica, tiro com arco, hoje já têm mais espaço. A Fórmula-1 era muito grande quando entrei no *Lance!*, em 2007, pois os brasileiros estavam bem. No decorrer dos anos, foi algo que mudou bastante. Percebo também uma maior atenção à política esportiva. Em 2007, falava-se bastante do legado. Agora tem uma cobertura intensa de assuntos relacionados à cidade e à política. (ALEIXO, 2014).¹³

Uma das discussões que frequentemente entram na pauta dos profissionais do *Lance!* diz respeito à quantidade reduzida de material produzido exclusivamente para o site. De um modo geral, o *Lance!Net* foi durante anos taxado de “um depósito de matérias publicadas no diário”, adaptadas de acordo com as diferenças inerentes aos dois tipos de plataforma de divulgação. Como exemplo, a indicação de tempo “ontem” em uma matéria impressa torna-se “nesta segunda-feira” na mesma que será publicada no portal. Em conversas com repórteres, é unânime a constatação de que a causa maior dessa limitação está no pequeno número de profissionais, que precisam se dividir na produção para as duas plataformas. Como resultado, o esforço da equipe em um dia de trabalho recai muito mais sobre o jornal, que tem horário para ser fechado e um prestígio maior, do que sobre o site.

¹³ Entrevista concedida ao autor em 23/09/ 2014

Depois de 17 anos, essa dinâmica foi alterada em setembro de 2014, quando a direção mudou radicalmente o enfoque da produção da empresa para as plataformas digitais. Porém, no momento em que este trabalho é produzido, o impacto da modificação ainda não pode ser medido com exatidão. O certo é que, a dois anos de sediar pela primeira vez os Jogos Olímpicos, o Brasil viu uma redução considerável de um espaço raro destinado aos esportes olímpicos nas páginas de sua imprensa.

3.1. Quem faz o Poli

O noticiário de Poliesportivo é feito pelo Núcleo Poli. Este sempre foi sediado na redação de São Paulo, onde as páginas da seção no jornal eram fechadas, enquanto parte da equipe ficava no Rio de Janeiro. Até setembro de 2014, havia nas duas redações um total de seis profissionais: um editor, dois repórteres e três estagiários, sem que houvesse divisão de produção para as diferentes plataformas: a mesma equipe se desdobrava entre o jornal impresso e site.

Após esta data, quando a produção da empresa começou efetivamente a ter foco total nas mídias digitais, e em meio a demissões e remanejamentos, o número de jornalistas destacados para o tipo de cobertura em análise se reduziu para três: foi designado um repórter em cada sede para o site e o jornal, e um editor, em São Paulo, apenas para o site. Na prática, o Poli deixa de existir enquanto equipe com escala comum e subordinada à mesma chefia. No jornal, entretanto, as matérias que não são assinadas continuam a apresentar a denominação “Núcleo Poli”. O editor de poliesportivo passa a pautar a produção do site por meio não só desses dois profissionais, mas também de uma equipe de redatores que têm de trabalhar tanto com os esportes olímpicos quanto com o futebol.

Observa-se aí uma mudança em relação aos primeiros anos do *Lance!*. Quando o jornal surgiu, haviam dois editores: um em São Paulo e outro no Rio de Janeiro. Além disso, as constantes medidas de contenção de despesas têm recaído sobre o Poli há muito mais tempo. No ano de 2005, o núcleo chegou a contar com oito repórteres. À medida que muitos foram saindo, vagas foram congeladas até que se chegasse ao cenário atual. Porém, cabe observar que esta dinâmica não se restringe ao núcleo em questão e nem mesmo ao *Lance!*, sendo comum na maioria dos veículos jornalísticos nos dias atuais, sobretudo os impressos, que se encontram em crise em virtude da migração de anunciantes para as plataformas digitais e da necessidade de buscar novas fontes de receita.

Dentre as prioridades da cobertura, os esportes olímpicos têm maior peso na agenda do Poli, com destaque para vôlei, basquete, tênis e natação. Em uma escala intermediária, estão modalidades como vôlei de praia, judô, vela, atletismo, ginástica (artística, rítmica e de trampolim), boxe, ciclismo (de estrada, de pista, BMX e mountain bike) e handebol. Esportes como badminton, canoagem (velocidade e slalom), esgrima, golfe, hipismo, hóquei sobre grama, pentatlo moderno, triatlo, polo aquático, nado sincronizado, levantamento de peso, maratonas aquáticas, remo, rugby, saltos ornamentais, taekwondo, tiro com arco, tiro esportivo, luta olímpica e tênis de mesa ganham espaço, em geral, apenas quando conseguem resultados expressivos em nível mundial.

A ideia do *Lance!* e do *Lance!Net* para os esportes que não são o futebol é produzir matérias diárias sobre aqueles de maior interesse. Uma hierarquia definida no Manual de Orientação Editorial de 2008 aponta para três níveis: no A, estão vôlei, basquete nacional e NBA¹⁴. O B abrange tênis e surfe, enquanto o C inclui todos os demais. Segundo os princípios editoriais daquele ano, os esportes de nível A deveriam estar na pauta todos os dias, até quando não há uma competição relevante ocorrendo. Os demais poderiam superar os de nível A em casos excepcionais, como uma partida importante de Grand Slam de tênis¹⁵ ou um feito inédito do Brasil na luta olímpica. Atualmente, é notável que nem sempre modalidades importantes, como vôlei e basquete, antes no primeiro nível, estão presentes nas páginas do diário, tendo em vista a redução de espaço que este vem sofrendo.

Quem cobre basquete também faz vôlei, atletismo, boxe, etc. Mesmo que se dedique com mais afinco a um só esporte. Mas como ser especialista em basquete se é preciso também acompanhar atletismo? E como tornar-se expert em atletismo se só for possível fazer uma matéria sobre o assunto na proximidade de alguma grande competição? O problema é que o mercado só permite a criação de jornalistas de futebol, de automobilismo, por vezes de tênis. (...) O que explica o aparecimento de atletas como comentaristas sempre que é preciso aprofundar-se em grande competição. O mercado não contempla quem quer aventurar-se nessas áreas específicas. Esse aventureiro poderá ter muito sucesso. Mas vai ter de brigar muito mais por isso. (COELHO, 2003, p.36-37).

O trecho do livro do jornalista Paulo Vinícius Coelho, da ESPN, aponta para uma

¹⁴ National Basketball Association (NBA) é a principal liga de basquete do mundo, com 30 franquias em cada edição anual, e reconhecida por pagar os mais altos salários no esporte mundial.

¹⁵ Os quatro torneios do Grand Slam são os mais importantes eventos de tênis do ano, em termos de pontos no ranking mundial, de tradição, valor dos prêmios em dinheiro e de atenção do público. São eles o Aberto da Austrália, Roland Garros, Wimbledon e o US Open, que acontecem nesta ordem.

situação frequente no *Lance!*. É normal que os profissionais do Poli tenham suas preferências e dominem melhor determinadas modalidades do que outras. Por este motivo, o editor do núcleo é levado a escalar sempre aquele que tem mais conhecimento sobre vôlei para uma cobertura deste esporte do que um especialista em basquete, por exemplo.

Mas isso não quer dizer que os repórteres fiquem isolados em seus nichos, por dois motivos. Em primeiro lugar, e o mais óbvio, por uma questão de escala. Nem sempre o responsável por um esporte estará trabalhando quando este for notícia. Em segundo, porque o *Lance!* e o *Lance!Net* não se caracterizam apenas por dialogar com o leitor fanático, que domina todos os termos e personagens ligados a uma modalidade, mas com o leitor interessado em conhecer o assunto. Temas como a política de uma confederação esportiva (cobertura institucional) muitas vezes são tão relevantes, ou até mais, do que o relato sobre o desempenho dos atletas e a posição de equipes na classificação de campeonatos. Por esse motivo, o trabalho com poliesportivo exige mais do que o simples conhecimento das regras de inúmeros esportes e da história de seus personagens.

É importante destacar, no entanto, que a cobertura institucional vai de encontro ao objetivo do jornal/site em sua origem. Conforme exposto no segundo capítulo, o *Lance!* surge em meio a um processo de mudanças na legislação esportiva brasileira. Dentre seus princípios, expostos no Manual de Orientação Editorial, na página 33, está a defesa da profissionalização do esporte no país, com a adoção de um regime empresarial na condução dos clubes, federações e confederações. O torcedor é visto como o consumidor de um produto. E seria justamente nesse contexto que o *Lance!* teria – assim como teve – grande chance de prosperar. Em um primeiro momento, Walter não queria levar para as páginas de seu principal produto um debate sobre política, mas enfatizar os aspectos positivos dos clubes e do esporte no país. A tramitação da Lei Pelé no Congresso, por exemplo, foi praticamente ignorada nos primeiros anos de *Lance!*

O jornal evitou tratar de política esportiva por determinação explícita de seu proprietário. Somente em 2000, depois de três anos e muito “jornalismo pra cima”, quando as acusações de corrupção levaram à criação de uma CPI no Congresso Nacional, Mattos mudou de opinião. (STYCER, 2006, p.246)

Ao idealizar o *Lance!*, o empresário tinha em mente que a cobertura de política esportiva era função de grandes jornais, como *O Globo* e *Folha de São Paulo*. Mas, ao

perceber que sua participação no processo em curso de mudanças no futebol e no esporte em geral seria importante para a consolidação cada vez maior da marca do *Lance!* no mercado, ele passou a cobrar das redações que os assuntos referentes aos bastidores de clubes e dirigentes esportivos tivessem lugar garantido no impresso e no *Lance!Net*. De acordo com Walter, em seu relato a Stycer (2006), o número de vendas só diminuiu a partir dessa decisão. A explicação do editor é de que tratava-se e uma “chateação” ao leitor. Algo que destoava do plano original de um jornal otimista.

Um exemplo de como o *Lance!* se preocupa atualmente com a política esportiva não só do futebol, mas de outras modalidades, é a matéria “Falcão não pensa em retorno à Seleção após mudança de comando na CBFS”¹⁶, publicada na seção “Mais Esportes” do portal *Lance!Net* no dia 9 de junho de 2014. Embora a modalidade em questão, o futsal – que não faz parte do programa olímpico atualmente – tenha pouca atenção do site e do jornal no dia a dia, uma crise estourada pela renúncia de Aécio Vasconcelos, ex-presidente da Confederação Brasileira de Futebol de Salão (CBFS), cuja gestão teve as contas referentes a 2013 reprovadas, provocou repercussão no meio esportivo. Maior nome do futsal brasileiro, Falcão, bicampeão mundial com a Seleção, em 2008 e 2012, encontrava-se afastado do time nacional por discordar de atitudes da direção da entidade, como interferência de dirigentes nas convocações e repressão a atletas que criticassem os dirigentes. O repórter do Poli designado para esse tipo de situação no Rio, Felipe Mendes, estava de folga, e o núcleo encontrava-se desfalcado, em razão da Copa do Mundo de Futebol. Coube ao editor interino, Guilherme Cardoso, escalar o então estagiário setorista de vôlei e autor desta pesquisa, para apurar a repercussão da notícia da renúncia e seus desdobramentos. A matéria foi para a edição do dia seguinte do diário em uma página, com o título “Vem mudança no futsal?”, que, além de expor o posicionamento de Falcão, decidido naquele momento a não retornar à Seleção, mesmo com a troca de comando na CBFS, buscou contextualizar a crise e os motivos que levaram à renúncia de Aécio.

Além dos esportes olímpicos, o Poli abriga os esportes a motor. No diário, dedica ainda espaço aos eventos das Artes Marciais Mistas (MMA). O noticiário destas, no entanto, é de responsabilidade de uma editoria separada. Por se tratar se uma modalidade que gera grande número de acessos no site, a direção decidiu contratar um profissional

¹⁶ Disponível em: http://www.lancenet.com.br/minuto/Falcao-Selecao-mudanca-comando-CBFS_0_1153684743.html. Acesso em 01/10/2014

especializado para cuidar somente dela. A decisão foi reforçada por um contrato comercial, que previa meta de notícias por dia sobre o tema. Até 2010, o conteúdo de automobilismo também ficava a cargo de uma editoria exclusiva, mas, diante da saída do então editor, Fred Sabino, a empresa optou por incorporar essa cobertura ao trabalho do Poli. Vale destacar que o *Lance!* tem um único correspondente no exterior, Luís Fernando Ramos, encarregado justamente da cobertura dos Grandes Prêmios da Fórmula-1.

A seção abriga ainda o material apurado pelo repórter do Núcleo Especial, Michel Castellar, pautado para cobrir temas relacionados aos Jogos Olímpicos do Rio, como verificação do andamento das obras e bastidores das negociações sobre locais de competições e treinamento das equipes no evento.

3.2. Critérios de noticiabilidade para os esportes olímpicos

Estar bem informado é uma necessidade do homem contemporâneo. Mas nem todos os acontecimentos podem ser noticiados, o que obriga os jornais/sites a um detalhado processo de seleção. “Saber escolher entre os milhares de acontecimentos cotidianos é o primeiro trabalho do jornalista” (GAILLARD *apud* ERBOLATO, 1991, p.53). E não é diferente nas editorias de esporte ou em um jornal dedicado exclusivamente ao esporte. Para obter sucesso nesta missão, os veículos trabalham com a influência psicológica que uma determinada notícia promove nos indivíduos. Com isso, estabelecem prioridades sobre o que deve e não deve ser noticiado, por meio de um conjunto de critérios, geralmente difundidos na rotina produtiva de qualquer redação.

Podemos definir o conceito de noticiabilidade como o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia. Assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo ‘valor-notícia’. (TRAQUINA, 2008, p. 63).

É comum considerar que notícia precisa ser recente, inédita, verdadeira e de interesse público, por mais que varie no tempo e no espaço geográfico. Um mesmo fato pode ser tratado de formas diferentes, de acordo com o interesse que ele desperta em momentos e localidades distintas. Mas esse processo não é tão simples como parece. A

notícia pode variar também de acordo com os critérios e preferências das empresas jornalísticas. “Os jornalistas têm “óculos” especiais a partir dos quais veem certas coisas e não outras; e veem de certa maneira as coisas que veem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado” (BOURDIEU, 1997, p.25). A metáfora dos óculos nada mais é do que a noção de valor-notícia - *news values* (TUCHMAN, 1978).

Segundo Erbolato (1991), os critérios que definem se um acontecimento é ou não notícia, ainda que não de forma unânime, como ele reconhece, são: proximidade, marco geográfico, impacto, proeminência, aventura e conflito, consequências, humor, raridade, progresso, sexo e idade, interesse pessoal, interesse humano, importância, rivalidade, utilidade, política editorial do jornal, oportunidade, dinheiro, expectativa ou suspense, originalidade, culto de heróis, descobertas e invenções, repercussão e confidências.

Embora as observações do autor mostrem-se pertinentes em inúmeras situações do jornalismo nos dias atuais, elas têm como limitação o fato de terem sido realizadas antes da difusão da internet. Os estudos a respeito dos critérios de noticiabilidade vêm sendo renovados com o passar do tempo e podem ser compreendidos de maneiras diferentes, variando de autor para autor. Wolf (2003) considera que há valores-notícia de seleção dos acontecimentos e valores-notícia de construção da narrativa jornalística. No primeiro caso, estão os critérios substantivos, vinculados às características do conteúdo das notícias, articulados em dois fatores. O primeiro é a importância.

A importância pode ser determinada por quatro variáveis. A primeira – notoriedade – implica o grau e nível hierárquico dos envolvidos no acontecimento noticiável (...) A variável “proximidade” relaciona-se com o impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional, em termos de proximidade geográfica ou proximidade econômica, política ou cultural (...) Por sua vez, a variável “relevância” aponta para a quantidade de pessoas que o acontecimento, de fato ou potencialmente, envolve (...) A quarta variável – significatividade – relaciona-se com a importância do acontecimento quanto à evolução futura de uma determinada situação. (AGUIAR, 2009, p. 173-174)

Já o segundo fator relativo ao conteúdo é o interesse, que requer uma avaliação um pouco mais subjetiva do que o primeiro. Nota-se que, nesta explicação, os critérios citados por Erbolato muitas vezes relacionam-se uns com os outros.

A capacidade de uma notícia entreter o leitor situa-se em uma posição elevada na lista de valores-notícia, seja como fim em si mesma, ou como

instrumento para concretizar outros ideais jornalísticos, como superar a concorrência. São consideradas “interessantes” as notícias que procuram dar uma interpretação de um acontecimento baseada no fator “interesse humano”, ou seja, as curiosidades e o insólito que atraem a atenção. (AGUIAR, 2009, p.175)

No segundo caso abordado por Wolf, estão os critérios relativos ao produto, ligados, portanto, aos processos de produção jornalística, seus interesses e suas limitações. Destacam-se, por exemplo, a necessidade de um jornal/site de dar uma informação exclusiva (furo) e a expectativa recíproca, o que significa que um acontecimento é mais suscetível de ser noticiado caso a mesma atitude seja esperada da concorrência.

Para a análise da cobertura dos esportes olímpicos no caso *Lance!*, alguns critérios parecem os mais adequados para a compreensão do que está em jogo quando se decide que tipo de conteúdo ganhará espaço nas páginas de um diário esportivo, ou que tipo de conteúdo será destacado em melhor espaço na home de um portal do mesmo assunto. Importância (o que engloba proximidade), interesse (o que engloba humor, sexo, aventura, interesse humano), raridade, rivalidade, originalidade e culto a heróis são alguns deles, como este trabalho pretende demonstrar, por meio de matérias publicadas no *Lance!* e no *Lance!Net*.

Por proximidade devemos entender não só o estar perto geograficamente, mas também a proximidade afetiva e cultural. Exemplo: Para qualquer jornal português, 20 mortos num acidente na China são menos importantes que 5 em Portugal. Algo que se passe com uma figura pública é mais relevante que o mesmo com uma pessoa desconhecida por uma questão de proximidade afetiva com a figura pública que é conhecida.¹⁷

Proximidade afetiva é o que está em jogo quando um grupo de editores decide noticiar algo a respeito da vida de uma figura famosa no meio esportivo. No que diz respeito à seleção dos assuntos a serem noticiados, o Manual de Redação da *Folha* pode servir como parâmetro de distinção ao que faz o *Lance!Net*. No tópico que trata de “vida privada e cuidados éticos”, ele afirma que “a vida privada só tem relevância jornalística se estiver crucialmente ligada a fato de interesse ou legítima curiosidade” (MANUAL de Redação da Folha, 2001, p.27). Como exemplo, o texto indica que “se uma pessoa submete-se a uma lipoaspiração, esse é um fato que lhe diz respeito particularmente e não

¹⁷ Disponível em: <http://joaosimao.comunicamos.org/criterios-de-noticiabilidade/>. Acesso em 18/09/2014

apresenta relevância jornalística”. “Se a cirurgia for malsucedida e ela entrar em coma, o fato deixa de ser privado e torna-se notícia”.

Mas o que pode ser entendido como curiosidade? No universo dos esportes olímpicos, e em plena era digital, o que não faltam são assuntos relativos à vida pessoal de atletas famosos virando notícia em portais esportivos, devido à justificativa da audiência. Principalmente porque fotos, vídeos e mensagens são facilmente espalhados por meio das redes sociais, o que permite uma grande aproximação entre ídolo e fã. Por causa disso, o *Lance! Net* tem uma seção chamada “Fora de Campo”, cujo objetivo é informar, em pequenas notas, sempre com imagens, aspectos considerados curiosos da vida dos personagens do mundo esportivo fora das competições. A produção de conteúdo do blog não é responsabilidade dos repórteres do Poli. No momento em que este trabalho é produzido, ela ficava sob responsabilidade de uma equipe exclusiva do *Lance!Net*, chamada Radar, que se insere na nova lógica de trabalho do Grupo *Lance!* e será mencionada com mais profundidade no quarto capítulo. Um exemplo de nota do “Fora de Campo” relacionada a uma modalidade olímpica é a nota “Que bonito é! Musa da seleção da Sérvia de basquete perde aposta e posa seminua”¹⁸, publicada no dia 29 de setembro de 2014:

Milica Dabovic, jogadora da seleção feminina da Sérvia de basquete que disputa o Mundial, na Turquia, bate um bolão. E não é propriamente por seu desempenho dentro das quadras.

A bela, de 32 anos e 1,70m de altura, mostrou que está com tudo em cima em um ensaio que fez para a versão alemã da revista FHM. O mais curioso é que ela aceitou fazer as fotos após perder uma aposta para um amigo.

Certamente os fãs da bola laranja agradeceram a “má” sorte da gata.

¹⁸ Disponível em <http://blogs.lancenet.com.br/foradecampo/que-bonito-e-musa-da-selecao-da-servia-de-basquete-perde-aposta-e-posa-seminua/>. Acesso em: 8/10/2014

Fora de Campo

« Modelo é presa após ficar nua em camarote durante final de rugby na Austrália
De biquíni, Carol Portugal espanta sensualidade no Instagram »

Que bonito é! Musa da seleção da Sérvia de basquete perde aposta e posa seminua

por Redação do LI em 29 set.2014 às 16:28h

LI Conte / precisa continuar aqui. Seja o primeiro entre seus amigos

Milica Dabović, jogadora da seleção feminina da Sérvia de basquete que disputa o Mundial, na Turquia, bate um bolão. E não é propriamente por seu desempenho dentro das quadras.



A bela, de 32 anos e 1,70m de altura, mostrou que está com tudo em cima em um ensaio que fez para a versão alemã da revista FHM. O mais curioso é que ela aceitou fazer as fotos após perder uma aposta para um amigo.

Certamente os fãs da bola laranja agradeceram a "mb" sorte da gata.

CARGO 816

ZERO de entrada

72 km/h

0,49 km/l

99 km/h

ESTOU INTERESSADO

Pesquisar

Nomes mais frequentes

adriano alexandre pato arsenal atletico-mg
barcelona bayern de munich
bolafogo bruna marquezine clarepasinato
copa do mundo copa do mundo 2014
corinthians Cristiano Ronaldo
daniel alves david Luiz Emerson Sheik
flamengo fluminense fred futsal dos japoneses júbilo kabbá liza liza campones lúcia do mouro Mario Balotelli messi milan
neymar Neymar Jr. psg real madrid
ronaldo ronaldo santos seleção alemã seleção argentina seleção brasileira seleção brasileira são paulo thiago silva vasco vitóri

Print de post do Blog “Fora de Campo”. Acesso em: 13/10/2014

Com apenas dois parágrafos, uma imagem da atleta nua, de costas, sentada em uma cama, e um vídeo contendo imagens da mesma, tanto em situações de jogo como na vida pessoal, o *Lance!Net* conseguiu agradar a um público considerável, visto que a nota se manteve durante toda a tarde e noite na página principal do portal, ou *home*. Ainda que não esteja adequado aos critérios de utilidade, importância, originalidade e descoberta, a publicação está alinhada aos de sexo, devido à exploração da sensualidade feminina, de humor, tendo em vista o inusitado motivo que fez a atleta posar nua, e proximidade, por se tratar de uma figura pública, ainda que muitos leitores não saibam nada sobre basquete, e nem estivessem acompanhando o Mundial. É importante observar que, embora em muitos casos os critérios de noticiabilidade do jornalismo impresso apresentam validade no jornalismo produzido na web, algumas informações atendem apenas às prioridades da plataforma digital. No dia seguinte à postagem da musa sérvia, em nenhuma página de *Lance!* foi possível encontrar qualquer registro da história ou das fotos da jogadora.

A aproximação dos Jogos Olímpicos no Brasil amplia as possibilidades de critérios para que um assunto seja notícia na pauta do *Lance!* e do *Lance!Net*. O evento motivou o resgate das chamadas seções olímpicas, elaboradas antes da Olimpíada de Pequim-2008,

na intenção de introduzir os leitores a assuntos relacionados ao evento: jovens atletas (Plantando Medalhas), atletas paralímpicos (Esporte para Todos), histórias de edições passadas (Memória Olímpica) e modalidades com menos destaque (Radar Olímpico). A partir da reformulação vivida pela empresa em setembro de 2014, com a diminuição do número de funcionários, as seções deixaram de ser produzidas.

A última matéria publicada nesses formatos foi da seção Plantando Medalhas: “Com 16 anos e 1,94m, promessa do vôlei se divide entre quadra e areia”¹⁹, do dia 9 de setembro de 2014 (ou “Jornada Dupla”, versão publicada no diário no mesmo dia, ver anexo IV, p.IV²⁰). A matéria, assinada por este autor, traça um perfil da atleta do vôlei e do vôlei de praia Ana Patrícia, que, após uma ascensão meteórica na carreira, que começou no handebol, conquistou a medalha de ouro no vôlei de praia nos Jogos Olímpicos da Juventude, em Nanquim, na China, em 2014. O caso mostra que, mesmo em se tratando de uma personagem desconhecida do grande público, o que invalidaria, por exemplo, o critério de proximidade afetiva, a pauta ganhou espaço no veículo, já que está de acordo com os critérios de relevância, em razão da proximidade da Olimpíada, e de raridade, afinal o principal gancho da história, e que justifica o título “Jornada Dupla”, é o fato de a jogadora disputar competições tanto nas areias quanto nas quadras.

Um exemplo da seção Memória Olímpica é a matéria “Legado Preservado” (Anexo V, p.V²¹), de Luiz Carlos Ferreira, publicada no dia 27 de agosto de 2013. O repórter, que cobriu *in loco* o Mundial Paralímpico de Natação, em agosto de 2013, em Montreal, no Canadá, aproveitou a passagem para mostrar que, apesar do prejuízo financeiro com a realização da Olimpíada, em 1976, a cidade utiliza até hoje as instalações construídas para atividades esportivas, eventos de hóquei e até para a construção de um zoológico. Podem ser destacados os valores relevância, pois o fato envolve um grande número de pessoas; proximidade, já que a experiência de sediar uma edição de Jogos Olímpicos é uma realidade dos brasileiros atualmente; e significatividade, pois importa a evolução futura do fato, ou seja, o legado que o evento esportivo proporcionou ao local.

¹⁹ Disponível em: http://www.lancenet.com.br/minuto/promessa-volei-desdobra-quadras-areias_0_1208279331.html. Acesso em 8/10/2014

²⁰ MOURA, Jonas. “Jornada dupla”. Lance!. Rio de Janeiro. 9 set. 2014. Plantando medalhas, p.28. Ver Anexo IV.

²¹ FERREIRA, Luiz Carlos. “Legado Preservado”. Lance!. Rio de Janeiro. 27 ago. 2013. Memória olímpica, p.29. Ver Anexo V.

Por se tratarem de reportagens que destacam os atletas por seus feitos de expressão, no caso de Ana Patrícia, e um local marcado na história dos Jogos Olímpicos, no caso de Montreal, as duas matérias citadas apresentam similaridade no que diz respeito aos seus valores-notícia, tanto para o jornal quanto para o site. Ambas não têm a intenção de trazer ao leitor o caráter factual dos acontecimentos, e sim de proporcionar histórias diferentes e originais em relação ao noticiário comum. Por isso, foram planejadas para serem publicadas no impresso e para entrarem no site somente após o diário começar a circular.

Outra forma escolhida nesta pesquisa para analisar a relevância dos esportes olímpicos no *Lance!* foi verificar, a partir dos vencedores do chamado Prêmio *Lance!*, quantas vezes essas modalidades estiveram entre os materiais mais bem avaliados internamente. Trata-se de uma honraria concedida todo mês pela direção da empresa aos profissionais de reportagem, fotografia e arte. Dividida em três categorias (texto, imagem e multimídia), ela rende aos vencedores uma quantia de R\$ 300. A direção também elege os melhores do ano em cada uma. Considerando o mesmo período escolhido para a análise das capas do Diário (1º de julho de 2013 a 1º de outubro de 2014), foi possível observar que a cobertura de esportes olímpicos se destacou em apenas quatro ocasiões dentre 45 possíveis (afinal, são três categorias em avaliação dentro do intervalo de 15 meses).

Em ordem cronológica, o primeiro vencedor do prêmio no período foi o repórter Ivo Felipe, na categoria multimídia, no mês de agosto, pela cobertura do Mundial de Esportes Aquáticos em Barcelona, na Espanha. A justificativa apresentada pelo editor-chefe, Luiz Fernando Gomes, foi de que se tratava de um “amplo material enviado para o diário, o site e vídeos para a *Lance!TV*. A honraria, neste caso, foi concedida a partir da análise do conjunto do trabalho de Ivo, e não de uma matéria em especial.

Em seguida, Guilherme Cardoso e Rafael Valesi foram os vencedores da categoria texto de dezembro, com a matéria "Morte arquivada" (Anexo VI, p.VI²²), do dia 30 de dezembro de 2013, mostrando o que aconteceu na Corrida de São Silvestre um ano após a morte do cadeirante Israel Cruz durante a prova. “Num trabalho bem elaborado desde a pauta, o material deixa claro a importância de voltar-se a assuntos para cobrar providências ou mostrar a situação dos envolvidos”, explica Gomes²³. Os repórteres descobriram, por

²² CARDOSO, Guilherme e VALES, Rafael. “Morte arquivada”. *Lance!*. Rio de Janeiro. 30 dez. 2013. *Atletismo*, p.28. Ver Anexo VI.

²³ O anúncio dos vencedores é feito sempre por meio de um e-mail interno enviado às redações

exemplo, que o caso tinha sido arquivado pela Justiça. A esposa do cadeirante ainda falou à reportagem sobre as dificuldades enfrentadas pela família, já que o ex-atleta era quem sustentava a casa. Por fim, foi mostrado que a organização da corrida promoveu mudanças na disputa para atletas com deficiência. Verifica-se o critério de interesse humano, bastante utilizado no universo dos esportes olímpicos e de seus personagens. O mesmo vale para o caso a seguir.

A terceira matéria analisada foi uma entrevista exclusiva de Guilherme Cardoso com a atleta do salto em distância Maurren Maggi, com o título "Dei uma semana para decidir se vou continuar" (Anexo VII. p.VIII²⁴), do dia 23 de janeiro de 2014. Na conversa, ela desabafou sobre a falta de patrocinadores e disse que poderia até encerrar a carreira caso não conseguisse investimentos até os Jogos Olímpicos de 2016. "A entrevista repercutiu em diversos sites e programas de TV. O material foi complementado com entrevistas com o treinador da atleta e a Confederação, o que aumentou a repercussão do material", justifica o editor-chefe. Além do interesse humano, a história de Maurren, na condição de campeã olímpica e principal nome do atletismo feminino brasileiro, está adequada ao critério de proximidade.

Por fim, a última matéria relacionada aos esportes olímpicos no período analisado enquadra-se no que é chamado de cobertura institucional. Em um trabalho de furo, e portanto coerente com os princípios de importância, utilidade e descoberta, o repórter Felipe Mendes apresentou em "Dinheiro acaba em pizza" (Anexo VIII, p.X²⁵), do dia 1º de julho de 2014, o resultado de um relatório do Tribunal de Contas da União (TCU) mostrando que o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) gastara parte do dinheiro da Lei Piva²⁶ com restaurantes e apart-hotéis no período entre 2007 e 2008, e que o TCU mandou a entidade devolver o dinheiro.

A baixa proporção de Prêmios *Lance!* aos esportes olímpicos é mais uma prova da dificuldade que os profissionais dessas modalidades têm de competir com os de futebol por

²⁴ CARDOSO, Guilherme. "Dei uma semana para decidir se vou continuar". *Lance!*. Rio de Janeiro. 23 jan. 2014. Falamos com, pp.28-29. Ver Anexo VII.

²⁵ MENDES, Felipe. "Dinheiro acaba em pizza". *Lance!*. Rio de Janeiro. 1º jul. 2014. Poliesportivo, p.33. Ver Anexo VIII.

²⁶ A Lei Agnelo/Piva é uma lei brasileira sancionada pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso em 16 de julho de 2001, que estabelece que 2% da arrecadação bruta de todas as loterias federais do país sejam repassados ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e ao Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB). Do total de recursos repassados, 85% são destinados ao COB e 15%, ao CPB.

visibilidade, não apenas dos temas que cobrem, mas também de seu próprio trabalho.

3.3. Influência econômica no noticiário

Apesar de tudo o que foi exposto, não são somente os critérios de noticiabilidade, citados no item anterior, que definem quando um esporte olímpico será ou não assunto nas páginas do *Lance!* e do *Lance!Net*. Como acontece em qualquer empresa de comunicação, contratos comerciais podem interferir na visibilidade que o grupo dá a um assunto.

Exemplo disso é um esporte de pouco apelo no Brasil, mas presente no programa olímpico do Rio-2016: o golfe. De volta ao torneio após um hiato de 112 anos (a última vez que ele integrou a programação do evento foi em Saint Louis, em 1904), ele passou a ser noticiado no *Lance!Net* pelo menos duas vezes por semana em 2013, após o veículo assinar um contrato de distribuição e produção de conteúdo com a empresa de televisão por assinatura *Sky*, vínculo que durou até o final daquele ano.

Embora não seja popular no país, o golfe é transmitido pelas emissoras que compõem os pacotes oferecidos pela *Sky*, como a *ESPN*. Por essa razão, o acordo previa que o *Lance!Net* publicasse notas sobre golfe, em nível nacional ou internacional. Além disso, havia uma seção voltada só para o esporte no portal *Skysports.com.br*, fruto da parceria. Uma vez encerrado o contrato, o site saiu do ar, e o *Lance!Net* deixou de noticiar a modalidade com frequência. O autor tentou entrevistar o editor da Agência *Lance!*, Eduardo Mansell, para obter dados mais precisos a respeito do contrato com a *Sky*. No entanto, em meio às mudanças organizacionais internas por que a empresa passou no momento em que a pesquisa era realizada, não foi obtido retorno.

No jornal, o mesmo cenário não se repetia. Diante da ausência de atletas de expressão no Brasil, o golfe dificilmente ganha espaço. No período entre 1º de julho de 2013 e 1º de outubro de 2014, foi possível encontrar apenas uma matéria tratando do esporte em si: “Em baixa, golfista Alexandre Rocha mira volta à elite”²⁷, de Felipe Mendes, publicada no dia 17 de outubro de 2013. A reportagem entrevistou o brasileiro mais bem posicionado no ranking mundial, que se tornou o primeiro golfista do país em 30 anos a competir no PGA Tour americano, principal circuito de golfe do mundo. Neste caso,

²⁷ Disponível em: http://www.lancenet.com.br/minuto/baixa-golfista-Alexandre-Rocha-volta_0_1012098937.html. Acesso em: 14/10/2014

o gancho da pauta foi a realização do Aberto do Brasil, no Gávea Golf, no Rio de Janeiro.

Depois, o golfe só voltou ao noticiário do *Lance!* e do *Lance!Net* em razão de uma polêmica a respeito do local de competições do esporte nos Jogos Olímpicos de 2016. No dia 3 de setembro de 2014, a matéria “Rio-2016 tem 14 dias para mudar projeto de campo de golfe”²⁸, de Michel Castellar, mostrou que uma liminar do Ministério Público do Rio de Janeiro (MP-RJ) contra a Fiori Empreendimentos, responsável pela construção, e a Prefeitura pediu a interrupção das obras do campo de golfe, localizado na Barra da Tijuca, por causa dos danos ambientais. Durante a tentativa de conciliação, biólogos, engenheiros florestais e até servidores do município se posicionaram contra o empreendimento. Diferentemente do primeiro caso, a matéria se enquadra na cobertura institucional.

Outro exemplo que se enquadra na influência econômica na cobertura é o vôlei. Desde agosto de 2013, o *Lance!* é parceiro da Confederação Brasileira de Vôlei (CBV), o que aumentou consideravelmente a demanda por conteúdo no impresso e no portal, levando à criação de uma espécie de subeditoria para a modalidade no Poli. Em agosto de 2013, foi criada uma seção de vôlei no *Lance!Net*, fruto de parceria com a CBV. Até então, o noticiário da modalidade era misturado ao dos demais esportes, na seção “Mais Esportes”. Embora o conteúdo de vôlei ainda apareça neste espaço, o esporte ganhou maior destaque a partir do momento que passou a ter uma *home* própria, atualizada diariamente.

O vôlei é um dos esportes olímpicos mais vitoriosos do Brasil. Em número de medalhas olímpicas já conquistadas, ocupa a quinta colocação dentre todas as modalidades, com nove, sendo quatro ouros (masculino em Barcelona-1992, masculino em Atenas-2004, feminino em Pequim-2008 e feminino em Londres-2012), três pratas (masculino em Los Angeles-1984, masculino em Pequim-2008 e masculino em Londres-2012) e dois bronzes (feminino em Atlanta-1996 e feminino em Sydney-2000). Em número de láureas douradas, perde apenas para a vela, com seis, e se iguala ao atletismo.

No período de análise deste trabalho, denúncias de desvio de dinheiro público beneficiando cartolas ligados à CBV no passado tomaram conta do noticiário esportivo no país. Neste ponto, a intenção, além de abordar a cobertura esportiva, foi entender como o *Lance!* reagiu entre o papel de parceiro comercial e de veículo combativo diante de um caso com repercussão negativa. Observou-se que, inicialmente, o jornal/site apenas

²⁸ Disponível em: http://www.lancenet.com.br/minuto/Rio-2016-mudar-projeto-campo-golfe_0_1205279597.html Acesso em: 14/10/2014

reproduziu as denúncias feitas pela *ESPN Brasil*, de que dirigentes ligados ao ex-presidente da entidade, Ary Graça, atualmente mandatário da Federação Internacional de Vôlei (FIVB), foram beneficiados por meio de empresas de sua propriedade, a partir de contratos com a CBV, para a intermediação do patrocínio desta com o Banco do Brasil.

Uma das empresas questionadas pelas reportagens foi a S4G Gestão e Negócios, de Fábio Dias Azevedo, diretor geral da Federação Internacional de Vôlei (FIVB), presidida por Ary Graça, e ex-superintendente da CBV. De acordo com as denúncias, confirmadas pela auditoria da consultora PriceWaterhouseCoopers (PWC), a S4G recebeu um total de R\$ 2,9 milhões da confederação. O contrato, que teria duração de cinco anos, foi rescindido em 30 de julho de 2013. O Banco do Brasil não previa nenhuma intermediação no repasse, o que intensificou as suspeitas de irregularidade no uso do dinheiro público.

Outra empresa denunciada pela *ESPN*, a SMP Logística e Serviços também tinha um contrato com a CBV no valor de R\$ 10 milhões. De acordo com a auditoria, foram pagos R\$ 2,6 milhões até outubro de 2013. O vínculo também acabaria suspenso. As denúncias levaram à renúncia do dono da empresa, Marcos Pina, ex-superintendente geral da CBV. Neste caso, também não estava previsto qualquer intermediário na negociação.

A emissora afirmou ainda que a CBV contratou o Escritório de Advocacia Valmar Paes, do pai do prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, para prestar "assessoria jurídica". Os gastos teriam subido 635% depois de 2011, passando de R\$ 562 mil para R\$ 4.130 milhões em 2012. Em entrevista exclusiva ao *Lance!Net*, em março de 2014, Ary Graça tentou explicar a situação.

Não foram R\$ 20 milhões e não é comissão. Vou explicar: a oferta do Banco do Brasil girava em torno de R\$ 20 milhões a 24 milhões por ano para a quadra, e mesmo valor para a praia. Combinei o seguinte com o Fábio, em contrato. Se você aumentar isso de R\$ 30 milhões a R\$ 50 milhões, sua remuneração por desempenho será de R\$ 1 milhão. Se ele arrumasse R\$ 49 milhões, era R\$ 1 milhão para a empresa dele. Se foi R\$ 31 milhões, ganharia o mesmo. Mas ele e o Pina aumentaram em 70% o valor, assinando o maior contrato da história do esporte olímpico. (GRAÇA, 2014)²⁹

A partir de então, e diante da repercussão do assunto em todos os veículos esportivos, o *Lance!* mudou de postura e passou a publicar uma série de matérias a respeito

²⁹ Disponível em: http://www.lancenet.com.br/minuto/Ary-Graca-exclusivo-LNet-Querem_0_1107489417.html. Acesso em: 15/10/2014

da situação da CBV. A mais impactante, não assinada, tinha como título “CBV engorda receitas com verba pública, mas repasse não é proporcional”, do dia 1º de abril de 2014.³⁰ De acordo com o texto, em 2012 aconteceu o primeiro salto nas receitas, com a renovação do patrocínio com o Banco do Brasil. Segundo os balanços da CBV, o banco teria dado à confederação R\$ 3.582.579,00 em 2011 e aumentou para R\$ 24.000.000,00 no ano seguinte. Em 2013, R\$ 25.751.856,00 foram repassados à entidade.

Embora os motivos para a mudança de posicionamento editorial não estejam ao alcance deste autor, é possível, a partir da análise exposta, supor que o *Lance!* se viu obrigado a ir atrás de um assunto que, em um primeiro momento, não era de seu interesse. Ignorar os desdobramentos das denúncias da *ESPN* significaria ficar para trás em um mercado concorrido e ignorar os valores-notícia, ou seja, os valores subjetivos que determinam a importância de um fato ou acontecimento, presentes na situação em questão.

O vôlei voltou a servir de exemplo de possível influência econômica no noticiário em julho de 2014. A *Nívea*, patrocinadora da CBV, passou a anunciar no *Lance!Net*, o que originou um blog voltado à modalidade. O objetivo era trazer aos leitores notícias e curiosidades factuais sobre as seleções brasileiras masculina e feminina. A presença do blog tornou a modalidade presente diariamente na primeira página do *Lance!Net*, o que mostra como esse tipo de vínculo comercial, por um lado, contribui para o aumento da visibilidade de um esporte olímpico, o que não aconteceria espontaneamente, já que a audiência do vôlei é muito menor que a do futebol. Entre 30 de agosto e 21 de setembro, período em que foi disputado o Campeonato Mundial pela seleção brasileira masculina, pôde-se observar que havia, quase que diariamente, uma chamada na home destacando um diferente post de vôlei do blog patrocinado pela *Nívea*.

³⁰ Disponível em: http://www.lancenet.com.br/minuto/CBV-receitas-publica-repasse-proporcional_0_1112288779.html. Acesso em: 15/10/2014

Um passeio brasileiro no Mundial

Contra estreante, Brasil não sabe se terá Bruninho

por Redação em 04.set.2014 às 14:17h

Curte Uma pessoa curtiu isso. Seja o primeiro entre seus amigos.

Uma dúvida que deverá ser sanada apenas minutos antes da partida contra a Finlândia, sexta-feira, às 15h25 (horário de Brasília), pela terceira rodada da primeira fase do Campeonato Mundial. O levantador e capitão Bruninho sofreu uma pancada no dedo indicador da mão direita, após se chocar com o companheiro Maurício, no duelo de ontem contra a Tunísia, e ainda não sabe se terá condições de jogo.

O jogador passou por exames em Katowice e foi descartada a possibilidade de uma fratura. Ainda assim, o local ainda está inchado e Bruninho sente dores. Ele deve fazer um teste com bola antes do confronto antes da decisão final da comissão técnica. Caso seja vetado amanhã, ele será substituído pelo reserva Rapha.

- Hoje, acordei com dor, o que é natural, já que a pancada aconteceu ontem à noite. Ainda não

Assinar RSS

Pesquisar

Tópicos recentes

Contra estreante, Brasil não sabe se terá Bruninho

Um passeio brasileiro no Mundial

Bem início brasileiro no Mundial

Lugar especial recebe Brasil para início da caminhada pelo litro

Polônia faz a festa dentro e fora da quadra

Arquivos

setembro 2014

agosto 2014

julho 2014

VIVARA

Print do blog Nivea Men Dry, do *Lance!Net*. Acessado em 04/09/2014

A explicação para a parceria foi dada por Neuri Barbieri, vice-presidente da CBV, em entrevista coletiva com jornalistas realizada na sede da entidade, no dia 20 de agosto de 2014. A reprodução de sua fala pode ser encontrada no site, em matéria com o título “CBV, Banco do Brasil, Nívea e TV Globo travaram duelo nos bastidores”. Na ocasião, ele revelou à imprensa que o uso da frase "patrocinador oficial do vôlei brasileiro" por parte da *Nívea* acabou irritando o Banco do Brasil, principal patrocinador da CBV, e rendeu à entidade uma multa de 60% do valor do patrocínio (R\$ 60 milhões por ano).

Em contrato assinado ainda na gestão Ary Graça até 2020, a Globo, por meio de seu departamento comercial, tinha direito de comercializar todas as prioridades de quadra, respeitando os contratos de patrocínio já existentes (Banco do Brasil, Olympikus, Gatorade e Gol). Assim, a emissora trouxe a *Nívea* para o vôlei. A CBV, então, passou a receber R\$ 2,6 milhões. Mas o Banco do Brasil acabou exigindo a rescisão.³¹

O vôlei de praia também tem sua exposição nas páginas do *Lance!* vinculada a um fator econômico: os anúncios condicionados. Como resultado da parceria do veículo com a CBV, o Banco do Brasil passou a anunciar no diário durante as etapas do Circuito Banco do Brasil, principal torneio nacional da modalidade, disputado anualmente em 10 etapas. Deste modo, o jornal tem obrigação de publicar uma matéria sobre o campeonato sempre

³¹ Disponível em: http://www.lancenet.com.br/minuto/CBV-Banco-Brasil-TV-Globo_0_1196880383.html. Acesso em: 15/10/2014

que há anúncio na página, o que contribui para a divulgação do evento. Como aspecto negativo, identifica-se certo grau de limitação editorial, visto que os textos sempre exaltam aspectos positivos dos atletas e da competição.

Isso não quer dizer que o *Lance!* não possa, em nenhuma circunstância, ser crítico à confederação e aos personagens envolvidos no esporte. No dia 30 de agosto de 2013, o diário publicou uma entrevista com a jogadora medalhista de bronze nos Jogos Olímpicos de Londres-2012, Juliana, com o título “Não penso mais na Seleção Brasileira”, assinada por João Pires (Anexo IX, p.XI³²). Na conversa, a atleta demonstrou mágoa com a entidade, que a cortou da Seleção Brasileira por causa de reclamações da mesma a respeito do novo sistema de convocações e treinamentos, adotado em dezembro de 2012. O principal motivo era o fato de os técnicos da equipe nacional masculina e feminina organizarem as duplas da forma que acreditassem ser a mais adequada. Antes disso, elas eram fixas, tanto para os torneios nacionais quanto para os internacionais. Com a medida da CBV, passaria a haver uma troca de parcerias, de acordo com os critérios dos treinadores da Seleção. O formato não repercutiu bem e foi abandonado em maio de 2014³³.

Pode-se concluir, diante do que foi analisado, que quando não há restrição de anúncio os textos podem adotar um tom crítico e independente. Por outro lado, nos casos em que a matéria é vinculada à publicidade do patrocinador do torneio, seu conteúdo procura exaltar os diversos atores em jogo. É comum até mesmo os repórteres do *Lance!* viajarem para cobrir as etapas do Circuito Banco do Brasil a convite da CBV, o que fica explícito por meio de uma nota publicada sempre ao final de cada matéria. Vale destacar, porém, que isso não é um privilégio concedido ao grupo de mídia de Walter de Mattos Junior. O *Globoesporte.com* também envia repórteres aos locais de jogos com custos bancados pela confederação e costuma adotar o mesmo procedimento para deixar o leitor ciente de que se trata de um convite.

³² PIRES, João. “Não penso mais na Seleção Brasileira”. *Lance!*. Rio de Janeiro. 30 ago. 2013. Entrevista da Semana, p.28-29. Ver anexo IX

³³ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/volei/noticia/2014/05/cbv-extingue-selecoes-adultas-de-volei-de-praia-e-demite-funcionarios.html>. Acesso em: 18/10/2014

4. TRANSIÇÃO SOB PRESSÃO

“Estive em Paris há pouco tempo e pude ver que o *L'Equipe*, no dia seguinte ao Tour de France³⁴, que equivale a um Campeonato Brasileiro aqui, tinha apenas 16 páginas. E uma parte era de anúncios. De conteúdo mesmo, não passava de 10”. Com esse relato, usando como exemplo um esporte olímpico, o ciclismo, o editor-chefe do *Grupo Lance!*, Luiz Fernando Gomes, tentou explicar à redação no Rio de Janeiro, no dia 1º de outubro de 2014, o processo de mudança que a imprensa de papel tem vivido e, assim, justificar a diminuição do número de páginas do *Lance!*, de 32 para 28 (em média, já que em casos excepcionais a quantidade pode aumentar ou diminuir), após a demissão de 32 funcionários só na sede carioca. Também houve dispensas na redação paulista.

Fazer com que o jornalismo se torne uma atividade rentável na internet é um desafio com o qual não só o *Lance!*, mas todos os veículos de imprensa, voltados a todas as temáticas, têm de conviver hoje em dia. Por isso, os jornalistas precisam se adaptar a uma nova linguagem, a novos horários de produção, a novas ferramentas de monitoramento de audiência e a novos formatos de difusão da informação. Como exposto no capítulo anterior, eles precisam lidar até com novos critérios de noticiabilidade, visto que, embora os parâmetros para uma avaliação do que deve ou não deve ser notícia utilizados na imprensa escrita ainda sejam válidos para a internet, há novas demandas com potencial para serem atendidas na web, as quais o diário não consegue atender.

Dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC) publicados no site da Associação Nacional de Jornais (ANJ)³⁵ permitem observar a queda no número de exemplares colocados à venda no decorrer dos últimos cinco anos. As informações são colhidas com base na circulação média diária no período de janeiro a dezembro de cada ano correspondente. Portanto, ainda não estão disponíveis os dados relativos a 2014. O número mais recente, de 2013, mostra que o Diário *Lance!* era o 14º jornal de maior circulação nacional, com média de 77.658 exemplares, o que significa queda de 3,22% em relação a 2012, quando o instituto registrou 80.238 (queda de 6% em relação a 2011). De 2009 para 2010, a diminuição foi ainda maior: de 125.050, caiu para 94.683 (-24,3%).

³⁴ Volta da França: maior competição de ciclismo do país e um dos três torneios que compõem a trica de maior prestígio da modalidade no mundo, junto com a Volta da Espanha e o Giro da Itália

³⁵ Disponível em: <http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil>. Acesso em: 10/11/2014

4.1. Estratégias de publicação em novas plataformas

No Diário *Lance!*, tais transformações puderam ser constatadas no período desta análise, de julho de 2013 até outubro de 2014. Embora o papel continue tendo um peso significativo no processo de produção durante esse intervalo de tempo, o site tem sido alvo de esforços cada vez maiores dentro das redações do grupo.

Exemplo da alteração de foco foi uma determinação do editor-executivo do Rio de Janeiro, Daniel Bortoletto, repassada aos funcionários no dia 5 de julho de 2013, de mudanças no formato da chamada “Entrevista da semana”. Trata-se de uma seção semanal do diário, com conteúdo reproduzido no *Lance!Net*, cujo objetivo é trazer ao leitor um personagem do mundo esportivo de apelo na semana. A entrevista acabara de ser publicada pela primeira vez em uma sexta-feira, com o título em questão. Antes, isso acontecia aos domingos, como o nome “Entrevista de domingo”. O principal aspecto da mudança, enfatizado pelo editor, era no que dizia respeito ao fortalecimento do caráter multimídia da seção, em busca de maior audiência e repercussão do conteúdo no *Lance!Net*. Dentre as alterações no quadro, destacam-se:

- Peça fixa criada pela arte para o material de remissão³⁶ no Diário. Não será mais opcional ter ou não remissões nesta seção.
- Produção de conteúdo exclusivo multimídia, com pedidos para a *Lance!TV* e foto sendo feitos no início da semana, permitindo que sejam trabalhados sem atropelo, em busca de excelência.
- Planejamento com os editores do *Lance!Net* sobre a "venda" do material na *home* na sexta-feira. A intenção é que o cardápio distribuído previamente permita um rodízio do que será chamado durante todo o dia. Exemplo: 7h destacamos a frase mais forte, 9h destacamos o vídeo, 11h destacamos as galerias fotográficas, 13h voltamos a chamar a entrevista com mote diferente do da manhã e por aí vai. Essa inteligência é de suma importância neste processo.
- Ter uma programação de divulgação durante a sexta-feira nas redes sociais, aproveitando tudo o que foi escrito acima. Podemos pedir para internautas mandarem fotos que tiraram com o jogador, vídeos feitos em treino, etc.³⁷

A análise das notícias publicadas no diário e no portal levam à constatação de que o

³⁶ Remissão, neste caso, é a indicação de que um conteúdo relacionado ao assunto da matéria está presente em outra plataforma. O jornal tem uma peça gráfica que convida o leitor a acessar no site um material diferenciado sobre o tema.

³⁷ E-mail enviado pelo editor Daniel Bortoletto às redações no dia 03 de julho de 2014.

primeiro quase sempre foi o canal de recortes originais dos acontecimentos. O site, por sua vez, vinha se caracterizando por destacar a notícia factual, de acordo com os fatos considerados de maior interesse da audiência a cada momento. O recorte original só apareceria na internet depois de já estar circulando na versão impressa. Aos poucos, no entanto, esse cenário vem sofrendo mudanças, o que fica evidente na mensagem acima.

Um conflito que marcou os primeiros anos do *Lance!* e que persiste nos dias atuais é o de como conciliar uma cobertura factual completa dos eventos esportivos com a busca por furos e recortes originais dos acontecimentos. Esta declaração do jornalista Marcelo Barreto a Maurício Stycer em *História do Lance!* evidencia a preocupação.

O *Lance!* era um pouquinho esquizofrênico no começo. Era importante valorizar o furo ou era importante valorizar o lado B da notícia? Os jornalistas que já tinham outras experiências em outros jornais achavam que o jornal não seria sério se ele não conseguisse registrar o *hard news*. (BARRETO *apud* STYCER, 2009, p.240)

Hoje, os editores do *Lance!* e do *Lance!Net* avaliam que a originalidade está presente no site. Mas, diante da concorrência cada vez maior com outros veículos e da limitação do número de profissionais, a busca por enfoques diferentes torna-se uma missão mais difícil. A busca pelo *hard news* ainda é obrigação. Nesse sentido, a “esquizofrenia” apontada por Barreto ainda parece não ter sido superada, mais de dez anos depois.

4.2. Pressão por audiência x qualidade de conteúdo

De acordo com dados do Instituto Ipsos Marplan e do Instituto Verificador de Circulação (IVC)³⁸, o *Lance!Net* registrou no mês de janeiro de 2014 um total de 138.975.750 *pageviews*³⁹, 37.470.216 visitas⁴⁰, e 8.180.780 visitantes únicos⁴¹. Cada vez mais esse tipo de informação interfere na rotina das redações do portal. Os dados são

³⁸ Disponível em: <http://hotsites.lancenet.com.br/midiakit/audiencia/>. Acesso em 23/09/2014

³⁹ Número de acessos ou *pageviews* é o número de vezes que uma página da internet é visualizada em algum navegador.

⁴⁰ Número de visitas mostra quantas vezes o site foi acessado, sem levar em consideração a quantidade de pessoas. Portanto, se uma pessoa o acessou inúmeras vezes, cada clique é contabilizado.

⁴¹ Visitantes únicos é a quantidade de pessoas que visitaram o site, independentemente da quantidade de vezes que o fez.

fornecidos por um serviço do Google chamado Google Analytics⁴². Diante deles, os editores monitoram que tipos de chamadas, títulos e assuntos rendem maior número de acessos, detectam os horários em que o site é mais visualizado e, assim, definem estratégias de produção mais eficazes, buscando sempre fidelizar seu público-alvo e atrair um número maior de anunciantes. De acordo com Rafael Valesi, editor do *Lance!Net* com foco em poliesportivo, o portal tem hoje uma média de 100 milhões de vistas por mês.

O autor solicitou ao departamento de métricas do *Lance!Net* os dados relativos ao número de visitas das três notas mais lidas da seção “Mais Esportes” no fim de semana dos dias 11 e 12 de outubro, quando era esperado um número acima da média, por causa da realização da segunda partida da história da NBA no Brasil.

A primeira colocada destacava um lance do jogador americano LeBron James, que teria se confundido ao marcar um companheiro de equipe, o Cleveland Cavaliers, no confronto contra seu ex-time, o Miami Heat. Com o título “LeBron 'esquece' que voltou para o *Cavs* e marca jogador do próprio time”⁴³, a nota atingiu um número de *pageviews* acima da média para a seção: 13.400. Observa-se que houve não apenas um apelo a partir da figura do atleta, mas também pelo aspecto inusitado do fato.

A segunda mais acessada também é relacionada ao astro do basquete. Com o título “LeBron James é o atleta mais valioso de 2014 na lista da revista Forbes”⁴⁴, a nota alcançou 6.305 acessos. Mais uma vez, o apelo em torno do atleta em questão despertou a curiosidade dos leitores e motivou os editores a manterem por horas a informação em destaque na *home*.

Em terceiro lugar, ficou uma matéria também relacionada ao evento de basquete, mas com outro enfoque. O título “Ginásio do Fla recebe críticas de astros da NBA por seu piso sujo”⁴⁵ insere um componente decisivo para alavancar o número de acessos: a paixão

⁴² O Google Analytics é um serviço gratuito e é oferecido pelo Google no qual, ao ativar-se o serviço por intermédio de uma conta do Google, e ao cadastrar-se um site recebe-se um código para ser inserido na página cadastrada e, a cada exibição, estatísticas de visitação são enviadas ao sistema e apresentadas ao dono do site.

⁴³ Disponível em: http://www.lancenet.com.br/minuto/LeBron-esquece-voltou-Cleveland-jogador_0_1228677126.html. Acesso em: 12/10/2014

⁴⁴ Disponível em: http://www.lancenet.com.br/minuto/LeBron-James-CR7-Messi-valiosos_0_1226877340.html. Acesso em: 9/10/2014

⁴⁵ Disponível em: http://www.lancenet.com.br/flamengo/Ginasio-Flamengo-recebe-criticas-sujo_0_1228077182.html. Acesso em: 11/10/2014

do torcedor, mencionada no segundo capítulo e impulso para a formação do *Lance!*. Um jornalista americano escreveu um artigo em que discorria sobre o mau estado da quadra do Rubro-Negro, que serviu de local de treinamento dos times da liga americana que vieram disputar a partida no Rio de Janeiro. A nota teve 5.187 *pageviews*.

Os jornalistas são sem dúvida tanto mais propensos a adotar o “critério do índice de audiência” na produção (“fazer simples”, “fazer curto” etc.) ou na avaliação dos produtos e mesmo dos produtores (“passa bem na televisão”, “vende bem” etc.) quanto ocupem uma posição mais elevada (diretores de emissora, redatores-chefes etc.) em um órgão mais diretamente dependente do mercado (uma emissora de televisão comercial por oposição a uma emissora cultural etc.), sendo os jornalistas mais jovens e menos propensos, ao contrário, a opor os princípios e os valores “da profissão” às exigências, mais realistas ou mais cínicas, de seus “veteranos”. (BOURDIEU, 1996, p.106)

É possível observar, de acordo com a análise de notícias acima, que o critério dos índices de audiência é determinante para a definição dos temas que ganharão destaque no portal. Todas as notas mencionadas foram difundidas nas mídias sociais do Grupo *Lance!*, com destaque para o *Twitter* e o *Facebook*. Canais como esses permitem o compartilhamento de uma informação a um número imenso de usuários em curto intervalo de tempo. Quanto maiores os níveis de audiência do site, melhores os resultados que a empresa pode apresentar a potenciais parceiros comerciais e, conseqüentemente, maiores as chances do fechamento de contratos.

Nesse sentido, a audiência apresenta-se como um instrumento relevante em termos de mercado e, ao mesmo tempo, perigoso em termos editoriais. Afinal, cabe questionar se a opinião de um jornalista estrangeiro sobre o ginásio onde treinaram os times da NBA ganharia a mesma repercussão caso o local não tivesse qualquer ligação com o futebol, ou, mais do que isso, com o clube de maior torcida no Brasil.

Até que ponto, portanto, vai a relevância do esporte olímpico, do acontecimento relativo a ele, para um veículo esportivo como o *Lance!?* Internamente, a visão de quem produz conteúdo é de que as transformações vividas pela empresa, sobretudo as mais recentes, têm levado a uma mudança de prioridade. Da qualidade para a quantidade.

Com o fortalecimento do *Lance!Net* e a necessidade de se produzir conteúdo tanto para a mídia impressa (*Lance!*) e para a digital (*Lance!Net*) o tempo para a apuração de reportagens especiais diminuiu. O processo se transformou ainda mais com a diminuição da equipe nos

últimos anos. Antigamente a busca das redações era pela qualidade nas reportagens. Hoje, a orientação é pela quantidade. Isso gera um impacto muito grande no que é publicado. (VALESI, 2014)⁴⁶

4.2. O Fim de um ciclo

Uma carta de Walter de Mattos Junior foi enviada às redações do Rio de Janeiro e de São Paulo no dia 25 de setembro de 2014, em um e-mail interno intitulado “Comunicado do presidente”. Apesar disso, em poucos dias seu conteúdo acabou publicado no site do Sindicato dos Jornalistas do Estado do Rio de Janeiro. A data ficou marcada pela maior onda de demissões da história do Grupo *Lance!* e pegou de surpresa desde dezenas de estagiários com perspectivas de crescimento até profissionais consolidados no mercado havia anos, como o editor Marcelo Damato, então titular da “De Prima”, principal coluna do diário e do site.

A justificativa oficial, como explicou o presidente, foi um redirecionamento de investimentos, com foco na produção digital, com o intuito de manter a empresa em níveis altos de competitividade frente ao cenário de mudanças nas estruturas de produção de conteúdo jornalístico dos tempos atuais. O Sindicato do Rio fala em um total de 32 demissões só no estado.

O momento também é marcado pela mudança de localização da redação carioca do *Lance!*. O terreno da Rua Santa Maria, número 47, na Cidade Nova, que abrigou o escritório e a gráfica do *Lance!* durante 17 anos, foi vendido. A partir de dezembro do mesmo ano, a redação passaria a se estabelecer na Rua Estrela, número 79, no Rio Comprido.

Caros colaboradores

Como todos sabemos, o mercado das empresas de comunicação passa por um momento de adequação às exigências dos novos tempos, com a explosão das plataformas digitais, a classificação e a globalização da informação. Assim, a busca por modelos inovadores que garantam a competitividade e a sustentabilidade das empresas é a única alternativa viável para quem quer se manter relevante nesse mercado. O *Lance!* não é diferente. Somos parte desse universo. E precisamos nos reinventar. Reinventar o modelo econômico da empresa, adequando os custos, reinventar principalmente a nossa forma de trabalhar, racionalizando

⁴⁶ Entrevista concedida ao autor, por e-mail, em 3/10/2014

recursos. O nosso desafio é atender as demandas deste novo mundo, mantendo os padrões de qualidade, as exigências de volume de informação e os valores de independência, credibilidade e profundidade jornalísticas que há quase 18 anos norteiam nossas ações. Conseguir agregar valor ao que produzimos é a certeza de que teremos produtos diferenciados e capazes de fidelizar os nossos consumidores atuais e ampliar ainda mais o nosso público em todas as plataformas. Para tanto, esforços estão sendo empreendidos, com investimento em novas tecnologias e a adoção de novos processos internos. Passamos neste momento pelo impacto de um ajuste. Para dar um passo à frente muitas vezes, por mais que isso não seja o desejável, é inevitável que se tome medidas desagradáveis, especialmente do ponto de vista humano. Aos colaboradores que saem, o nosso agradecimento sincero por toda dedicação e esforço. Brevemente, faremos um Papo Aberto compartilhando com todos os novos rumos e os desafios que nos esperam. Desde já, e como sempre aconteceu no *Lance!*, contamos com o compromisso de todos nessa nova fase. Saudações, Walter.⁴⁷

Em meio às mudanças em curso, o Núcleo Poli acabou desmembrado. Até então com um editor, dois repórteres e três estagiários, a equipe passou a ter apenas um editor, agora responsável pelo site, e dois repórteres, para as duas plataformas. Um estagiário foi dispensado, e os outros dois, remanejados. Como consequência, o espaço de esportes olímpicos foi reduzido de uma média de três páginas para apenas duas no impresso.

Ao mesmo tempo, a direção inaugurou um novo núcleo nas redações, chamado Radar, constituído por oito profissionais e um editor. Sua tarefa passaria a ser monitorar os acontecimentos do mundo esportivo, incluindo as modalidades olímpicas, em sites oficiais, na concorrência e nos principais programas de televisão e de rádio. Uma declaração de um jogador, técnico ou dirigente em qualquer uma dessas situações torna-se pauta significativa para ser reproduzida pelo *Lance!Net*, com o respectivo crédito ao veículo que serviu de fonte.

Com esse enfoque, o Grupo *Lance!* pretende aumentar o volume de notícias em seu portal, que passa a ser a prioridade, enquanto o jornal impresso fica a cargo de um número reduzido de profissionais, com menos páginas e menos produção original. A iniciativa inverte radicalmente a lógica de produção descrita nesta pesquisa nos primeiros capítulos, visto que o site deixa de ser um “depósito de matérias do *Lance!*”, como diziam alguns, enquanto o jornal passa a configurar um depósito de matérias do portal.

⁴⁷ Disponível em: <http://jornalistas.org.br/index.php/lance-demite-30-jornalistas-e-redacao-do-rio-cai-a-quase-metade/>. Acesso em 10/11/2014

Não vejo o jornal impresso ameaçado. Existe um público que o consome. É um espaço para ler coisas diferentes, ter uma análise mais aprofundada, algo que no *hard news* não tem tanto. O jornal é um condensado de tudo o que aconteceu em um dia. O fato de haver limitação de espaço faz com que a equipe tenha que hierarquizar os assuntos. Acho que ainda existe uma repercussão importante sobre o que sai no jornal. (ALEIXO, 2014)⁴⁸

Curiosamente, uma das grandes formas de o site aumentar seu volume de notícias é com temáticas voltadas aos esportes olímpicos. Isso porque os serviços de assessoria de imprensa têm aumentado, em contrapartida à redução de espaço para o conteúdo nos jornais impressos. Deste modo, as redações dos principais veículos esportivos, como o *Lance!*, recebem diariamente centenas de *releases* de divulgação de atletas olímpicos e de equipes das mais diversas modalidades. Dentro da nova lógica de produção, cabe ao “Radar” produzir notícias provenientes desses canais.

No vôlei, por exemplo, são enviados para os jornalistas informes de oito das 13 equipes que disputam a Superliga Feminina 2014/2015, o principal torneio da modalidade: Rexona-Ades (RJ), Molico/Osasco (SP), Dentil/Praia Clube (MG), Camponesa/Minas (MG), Rio do Sul/Equibrasil (SC), São Bernardo (SP), São Cristóvão Saúde/São Caetano (SP), Sesi (SP). Apenas quatro times não fornecem qualquer material: Uniara/AFAV (SP), Pinheiros (SP), Maranhão/Cemar (MA) e São José dos Campos (SP). O Brasília Vôlei (DF) não envia releases, mas aposta nas redes sociais para manter seu produto em evidência. Na competição masculina, também oito equipes divulgam releases à imprensa: Sada Cruzeiro (MG), Vôlei Brasil Kirin (SP), Sesi (SP), São José dos Campos (SP), Voleisul Paquetá/Espportes (RS), Ziober Maringá (PR), São Bernardo (SP), Minas Tênis Clube (MG) e Vôlei Canoas (RS). Apenas Taubaté/Funvic (SP), UFJF (MG) e Montes Claros (MG) não o fazem. O quadro mostra que a tendência é de as equipes, patrocinadas por empresas, adotarem a estratégia para a divulgação de seus resultados e dos nomes de seus apoiadores nos canais de comunicação direcionados aos esportes.

Se os rumos decorrentes das transformações da rotina produtiva do Grupo *Lance!* ainda são incertos, mais difícil ainda é prever o que será da cobertura dos esportes olímpicos a menos de dois anos dos Jogos do Rio de Janeiro. Porém, é significativo constatar que há um grau de pessimismo no ar.

⁴⁸ Entrevista concedida ao autor em 24/09/2014

Da mesma forma, foi difícil saber como seria na Copa do Mundo (de futebol, em 2014). Foi uma cobertura difícil, e imagino que na Olimpíada será ainda mais, porque não será um esporte só. Você não consegue ter repórter em todos os locais de competição. Tem que ver como estará o calendário do futebol na época, mas, sem dúvida, haverá uma canalização da redação para a Olimpíada. (BORTOLETTO, 2014).

As consequências para os esportes olímpicos são consideráveis, visto que a produção de notas/matérias passa a ser feita por redatores que trabalham com o futebol e, geralmente, acumulam mais conhecimentos sobre este esporte do que sobre qualquer outra modalidade. Além disso, a preocupação com a quantidade de notas para o site se torna central na rotina produtiva das redações. *O Lance!* deixa de apurar determinados assuntos e passa a monitorar a concorrência em busca de informação, ou simplesmente utiliza as informações de *releases* para informar seu leitor. Deste modo, as notícias são publicadas em grande parte com crédito ao veículo original. As equipes que ainda trabalham com o jornal, agora reduzido, aproveitam parte desse material.

A maioria dos repórteres trabalha com futebol, e não têm conhecimento ou interesse para cobrir as modalidades olímpicas. Na minha opinião, corre-se um grande risco em 2016 de repórteres com pouca experiência olímpica trabalharem na cobertura da Rio-2016 e cometerem erros. (VALESI, 2014)

Não é, portanto, apenas o número reduzido de matérias relacionadas aos esportes olímpicos em destaque nas capas do *Lance!* ou o apelo excessivo por temáticas que rendam grandes audiências as razões que ligam o alerta dos profissionais da empresa a menos de dois anos dos Jogos Olímpicos do Rio. As dificuldades relacionadas à carência de mão de obra, em quantidade e em qualidade, são previsíveis desde já, o que resulta em perspectivas pouco otimistas por parte dos mesmos diante de um evento de grande magnitude.

5. CONCLUSÃO

A partir da comparação entre as versões impressa e online das notícias de esportes olímpicos no grupo de *Lance!*, esta pesquisa constatou que o *Lance!Net* produz uma quantidade relativamente pequena de conteúdo próprio e original, constituindo-se muitas vezes como um “depósito de matérias” publicadas no diário *Lance!* e, a partir da reestruturação produtiva da empresa, em um canal de reprodução de informações apuradas por veículos concorrentes. Muitos desses fatos devem-se, conforme foi destacado, à limitação de equipe, visto que os mesmos jornalistas designados a produzirem o jornal são encarregados de abastecer o portal no decorrer do dia.

Uma segunda consideração final traz perspectivas pouco otimistas sobre o questionamento feito no início do trabalho e que motivou a sua realização. Em se tratando dos esportes olímpicos, a aproximação dos Jogos do Rio-2016, os primeiros na história a acontecerem no Brasil, não tem contribuído para o aumento da visibilidade do tema na imprensa brasileira, sobretudo a de papel. Pelo contrário, em um contexto de transformações radicais nas redações, impactadas por mudanças nas formas de se produzir conteúdo, o diário que mais dedicou espaço às modalidades olímpicas em seus 17 anos de existência vem reduzindo o número de páginas voltadas ao assunto.

Embora seja importante reconhecer que a realização da Copa do Mundo de 2014 concentrou o foco dos grupos de mídia esportiva, direcionando profissionais e investimentos no evento de maior relevância do esporte preferido da maioria dos brasileiros, foi significativo constatar que, durante um ano e três meses, o esporte olímpico só ganhou espaço na capa do diário em apenas três ocasiões. E, mais do que isso, em momentos desfavoráveis aos clubes de futebol locais.

Não se pretende, com essa observação, apontar falhas nas decisões editoriais do *Lance!*, visto que essas são condizentes com a preferência de seu público-alvo e coerentes com as demandas de um mercado concorrido. Mas a observação, feita a partir da análise de todas as capas do jornal *Lance!* no período analisado, bem como de mecanismos de avaliação interna da empresa, como os ganhadores do “Prêmio *Lance!*”, reforça a impressão inicial de que a cobertura esportiva especializado em esportes olímpicos constitui-se em uma luta árdua por visibilidade, fato preocupante para aqueles que pretendem trabalhar no ramo e para os leitores interessados em conteúdos diferenciados e curiosidades relacionadas a tais modalidades e aos seus personagens, sempre tão ricos.

A tradição da empresa de concentrar esforços da produção no diário durante quase todos os anos de sua história, em detrimento do site, provocou uma disparidade de qualidade entre um produto visto na imprensa como referência, mas de relevância cada vez menor nas receitas (o diário *Lance!*) e um produto digital mais rentável (o site *Lance!Net*), à medida que o modelo de negócios jornalísticos no Século XXI concentra-se na internet. Em meio a esse processo, as linguagens de cada plataforma apresentaram-se distintas, reforçando critérios de noticiabilidade diferentes, embora com algumas similaridades. A partir das entrevistas realizadas com profissionais dedicados à cobertura e edição de matérias sobre esportes olímpicos, foi possível concluir que a tendência da empresa é de buscar uma complementaridade crescente entre diário e site, mas com foco cada vez maior no segundo.

O ano de 2014 marcou o início de um processo de intensificação deste cenário, com uma drástica limitação de mão de obra, após a demissão de 32 profissionais só no Rio de Janeiro, além de outros em São Paulo, sob a justificativa de racionalização de recursos e maior investimento nas ferramentas digitais. Por todas as razões expostas, é provável que o Grupo *Lance!* enfrente dificuldades para se adaptar às demandas de produção e à pressão por resultados nos Jogos Olímpicos de 2016, hipótese admitida tanto por repórteres quanto por editores entrevistados neste trabalho.

Ao mesmo tempo, observou-se um aumento da preocupação de portais especializados em noticiar as competições olímpicas e os fatos que dizem respeito à preparação do Rio para sediar a Olimpíada. Neste contexto, o *Lance!Net* encontra uma série de barreiras para competir com sua concorrência na web, tendo em vista o maior poder econômico de outros veículos, principalmente o *Globoesporte.com* e o *UOL*. Hoje, o Grupo *Lance!* mostra-se alinhado à tendência de priorizar o digital, o que ficou evidente com as mudanças promovidas pela direção em outubro de 2014. Mas os próprios profissionais reconhecem as limitações e não escondem certa preocupação com o futuro.

Um aspecto que este trabalho não pôde elucidar com tanta profundidade, devido ao pouco tempo para sua execução, é o papel dos patrocinadores no que diz respeito à visibilidade das modalidades olímpicas. Atletas e equipes esportivas tem sido alvo de grandes, médias e até pequenas marcas, que procuram associar seus nomes a personagens vitoriosos, em uma clara estratégia de união entre esporte e negócios, dobradinha que deu tão certo quando Walter de Mattos decidiu colocar em prática o seu grupo de mídia, em 1997. Como exemplo dessa tendência, estão os clubes de vôlei que disputam a Superliga,

patrocinados, em sua maioria, por empresas e sofrendo constantes mudanças de nome e às vezes até mesmo de cidade, de acordo com as necessidades de seus investidores.

Embora o estudo tenha mencionado os mecanismos de associação comercial do Grupo *Lance!* com parceiros, como o caso citado da *Sky*, que reforçou a visibilidade do golfe durante um período, entende-se que o tema é bastante amplo e permitiria uma análise para além de um só veículo. Empresas dos mais variados ramos fazem esforços de divulgação e contratam profissionais de assessoria para estreitar relações com os jornais/sites esportivos e, assim, terem seus nomes expostos na mídia. Considerando que o modelo de negócios jornalísticos dos tempos atuais baseia-se, muitas vezes, em parcerias comerciais, seria válido o questionamento sobre até que ponto vai a preocupação dos veículos esportivos com as modalidades olímpicas e em que momento a cobertura torna-se mais uma obrigação para agradar a uma marca parceira e obter retorno financeiro.

Esta pesquisa espera ter contribuído para delinear o quadro da cobertura dos esportes olímpico no momento em que é produzida e em um contexto de grande importância para o assunto, em razão da aproximação dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio-2016. Mas, a partir dos resultados obtidos, fica a dúvida para estudos futuros sobre quais são as possibilidades de aumento da visibilidade desses esportes na imprensa dentro do modelo de negócios praticado pelos grupos de comunicação no Século XXI.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Leonel. **A validade dos critérios de noticiabilidade no jornalismo digital**. In RODRIGUES, Carla (Org.). **Jornalismo on-line: modos de fazer**. Rio de Janeiro, PUC-Rio/Sulina, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão - Seguido de A Influência do Jornalismo e Os Jogos Olímpicos (tradução de Maria Lúcia Machado)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

CARVALHO, Lucas de Tommaso Gomes. **Cobertura sem direitos: a Olimpíada de Londres-2012 pela TV Esporte Interativo**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo). Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro: 2013. Orientadora: Cristina Rego-Monteiro da Luz.

SANTOS, Michel Castellar de Resende. **A cobertura jornalística dos esportes “amadores”**: Um estudo de caso de matérias publicadas pelos jornais “O Estado de São Paulo” e “Jornal do Brasil”, à natação, durante a realização do Troféu José Finkel, em 2000. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo). Escola de Comunicação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro: 2000. Orientador: Carlos Alexandre Carvalho Moreno.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: as reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CHIARIONI, Bruno; KROHEN, Márcio. **Onde o esporte se reinventa. Histórias e bastidores dos 40 anos de Placar**. São Paulo: Primavera Editorial, 2010

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003

DORIGO, Marina; MARQUES, José Carlos. **Processos comunicacionais dos jornais Lance! e Folha de S. Paulo: uma análise do fato esportivo a partir da ecologia da mídia**.

In: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2013.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo – redação, captação e edição no jornal diário**. São Paulo: Ática, 1991.

FERNANDES, Luisa de Bustamante. **O fim do JB impresso: por que a migração para a plataforma digital não foi um passo à frente**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo). Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro: 2012. Orientadora: Cristina Rego-Monteiro da Luz

LIMA, Venício Artur. de. **Mídia: teoria e política**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

MANUAL de Redação da Folha de São Paulo. São Paulo: Publifolha, 2001.

NEVEU, Érik; **Sociologia do Jornalismo**. Collection Reperères. Paris: La Decouverte, 2001.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005

STYCER, Mauricio. **História do Lance! - Projeto e Prática do Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Alameda, 2009.

SOUZA, Flaviana de Cerqueira. **Função Social do Jornalismo Esportivo: Uma Análise dos Programas Globo Esporte e Esporte Espetacular**. Orientador: Severino Francisco da Silva Filho. Brasília, 2006. 48 f.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são**. v. 1. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

Websites:

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS: <http://www.anj.org.br>

BIBLIOTECA ON-LINE DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO: <http://www.bocc.ubi.pt>

FACULDADE CASPER LÍBERO: <http://casperlibero.edu.br>

FOLHA DE SÃO PAULO: www.folha.uol.com.br

GLOBOESPORTE.COM: www.globoesporte.com

LANCENET: <http://www.lancenet.com.br>

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br>

RIO-2016: www.rio2016.com

UOL: www.uol.com.br

7. ANEXOS

Anexo I – Capa nacional do *Lance!* do dia 2 de setembro de 2013

10 DE SETEMBRO - SÉxtima-Feira, 2 de Setembro de 2013 - R\$ 0,70 - ANO 16 www.lance.com.br

PROMOÇÃO PORTA TÊNIS
+ 2013 +

CHEGOU O PORTA TÊNIS DO L!
MAIS UMA NOVIDADE IMPEDE MELHORES SÓ 18 SELOS + R\$ 19,90 = PORTA TÊNIS + PRODUTO EDITORIAL
CARTELAE 1º SELO 59, QUINTA-FEIRA. PARTICIPE



15 ANOS

SHOW DAS

PODEROSAS

Vôlei conquista pela 9ª vez o Grand Prix com espetáculo nas finais. Li analisa geração que tentará tri olímpico **PÁGS. 30 A 32**



Judo termina Mundial com mais uma medalha e comprova sua força neste ciclo olímpico **PÁG. 34**

ALERTA!

o Vasco vê ataque fundonar, mas defesa vacila e colabora com líder Cruzeiro **PÁGS. 18 A 21**



o Fla faz exame em Fred hoje para saber tamanho do estrago **PÁGS. 22 A 25**



o Fla é goleado no aniversário de 103 anos do rival. Rebaixamento já preocupa **PÁGS. 6 A 10**

Chega de empatar!

O a Dem casa deixa Fogão mais longe de ponta e com risco de sair do G4 **PÁGS. 14 A 17**



PROMOÇÃO MOCHELANÇA! Help! 97466. Confira aqui as regras e início das trocas



TROCAS HEADPHONES As trocas ocorrem em sua cidade. Veja as posturas de pag. 33

Anexo II: Capa nacional do *Lance!* do dia 23 de dezembro de 2013

www.lance.com.br

Vai vêm O mercado da bola continua agitado. Confira quem chega, quem sai, time-base e principais novidades nas contratações PÁGS. 20 E 21

Histórico!

O DIÁRIO DA MOSSA COPPA



Pôster
Ganhe pôster especial com o Brasil campeão
16 e 23

Sensacional!

Enviado especial LI

o Épico! Seleção feminina bate a Sérvia e fatura o inédito título mundial. LANCE! estava lá e conta detalhes da conquista PÁGS. 25 A 29

Pressão por Renato
Um time condizente reforça a aposta com o técnico PÁGS. 14 E 15

Esquenta o caso Luiz Antonio
PÁGS. 6 E 7

Um novo estilo em 2014
PÁGS. 10 E 11

Reforço só para a diretoria
PÁGS. 12 E 13

PROMOÇÃO TV DIGITAL

acompanhe toda a emoção na sua TV Digital onde você quiser. Justo 20 canais + R\$180,00 + Produto Editorial + TV Digital. Cartão e1º solo, segunda-feira 6/1. Participe!

www.lance.net.com.br

CAMPEÃO MUNDIAL

POSTER
Grátis pôster da inédita conquista rubro-negra

Conquistou o NBB, a Liga das Américas e agora o Mundial!

Mengão mostra sua força no basquete ao superar o Maccabi!

Gringos se destacam e NBA pode tirar Marquinhos da Gávea

R\$ 28,90

LI no alto O argentino eliminou o brasileiro em cima da rede. Já o campeão da Liga das Américas foi eleito o melhor jogador da final

PAUSA NA MARATONA

Facco celebra tempo para treinar, mas deve pausar sessões sem Joel, que foi operado

Queimando a última gordura

Flamengo acerta o quarto jogo sem vitória e precisa abrir o olho para não voltar para o "amfiteatro"

2x1

Na beira do abismo de novo

Bota fogo para o forte sistema defensivo de Felipe, se rivais ganharem ficam só um ponto acima do Z4

0x2

Pra engrenar!

Sem jogo no mês de setembro, Fla se prepara com bom olho para tentar recuperar bom futebol

Seleção feminina de vôlei vira outra e segue sem perder no Mundial da Itália

GIGANTE!

28 | PLANTANDO MEDALHAS LANÇEI TERÇA-FEIRA, 9 DE SETEMBRO DE 2014

➤ ANA PATRÍCIA VEM JOGANDO O CIRCUITO BANCO DO BRASIL SUB-21 AO LADO DA PARCEIRA ANNA

JORNADA DUPLA

●●● Após conquistar a medalha de ouro no vôlei de praia nos Jogos Olímpicos da Juventude, jovem Ana Patrícia, de 1,94m, vê portas abertas na modalidade e se desdobra entre a quadra e a areia em busca da afirmação

Brilhou Ana Patrícia
foi ouro em seu
primeiro torneio
internacional

WANDER ROBERTO/
NOVAFOFOTO/CDR

JONAS MOURA
jonasmoura@lancenet.com.br

A caminhada da jovem Ana Patrícia em busca do sonho de ser uma atleta de alto nível está só no começo. Mas, em pouco tempo, a mineira de apenas 16 anos já deu passos tão expressivos quanto sua altura.

Com 1,94m, ela viu portas se abrirem após a conquista da medalha de ouro no vôlei de praia nos Jogos Olímpicos da Juventude em Nanquim (CHN), em agosto, ao lado de Duda. Agora, se desdobra entre quadras e areias para ir mais longe.

Nascida em Espinosa, município com pouco mais de 30 mil habitantes ao norte de Minas Gerais, Ana Patrícia conta que gosta de tudo relacionado a vôlei. Se é dentro de um ginásio ou numa praia, não importa.

Tanto que, passada a euforia de seu primeiro título internacional, ela disputa o Circuito Banco do Brasil Sub-19 na praia e está inscrita para defender Betim no Campeonato Mineiro Juvenil na quadra. Nem pensa em optar por um dos caminhos. Pelo menos por enquanto.

– Tenho que dar procedimento aos treinos e disputar o máximo possível de campeonatos na praia e na

quadra. Deixei amigos e família na minha cidade, mas valia a pena. Era um sonho que sempre tive – contou a jogadora, ao LL.

A chegada ao esporte foi difícil. Não havia incentivo ao vôlei em sua escola. Foi nos Jogos Escolares de Minas (JEMG) do ano passado, e jogando handebol, que

Ana Patrícia foi ouro na Olimpíada da Juventude logo em seu primeiro ano na Seleção

ela despertou a atenção de um delegado e foi indicada para integrar um programa de esportes de Betim sob as orientações do técnico Giuliano Sacupira.

Em 2013, Ana foi campeã mineira sub-21 e terceiro lugar no Circuito Banco do Brasil Sub-23. Até que foi convocada para a Seleção. Logo estava ao lado de Duda, bicampeã mundial e maior promessa do Brasil nas praias.

– Na China, tudo era novo e tinha um segredo a mais para eu descobrir. Mas me adaptei bem.



16 ANOS

ESPELHOS IDOLATRIA POR LARISSA E TALITA, E TORCIDA POR OSASCO

Para brilhar no vôlei de quadra e na praia, Ana Patrícia se espelha em nomes consagrados dos dois esportes. Larissa e Talita são suas maiores referências. Na quadra, vibra com cada ponto da oposta Sheilla e admite que torce pelo Molico/Osasco, equipe da jogadora na última Superliga. – Vejo todos os jogos. A Talita e a La-

QUEM É ELA

NOME
Ana Patrícia Silva Ramos

NASCIMENTO
29/9/1997 - Espinosa (MG)

ALTURA
1,94m

POSIÇÃO
Central (quadra) / bloqueadora (praia)

ÍDOLOS
Larissa, Talita e Sheilla

HOBBIES
Ler

LIVRO PREFERIDO
O Menino do Pijama Listrado

SOBRE
Sou guerreira. Não desisto. Não tenho medo de nada.

BATE-BOLA ANA PATRÍCIA JOGADORA DE VÔLEI

‘Eu jogava handebol, mas queria o vôlei’

1. Antes do vôlei, você jogava handebol. Foi fácil a adaptação para outro esporte?

Sempre tive facilidade para vários esportes, então não foi um problema. Eu já gostava de vôlei e só não jogava porque não tinha chance no colégio, e nasci numa cidade que não tem praia. Foi aí que optei pelo handebol naquele momento. Mas queria o vôlei.

2. Com 1,94m, como você se sente para executar os fundamentos defensivos?

Foco muito nos treinamentos de defesa, e as pessoas até me dizem que eu os executo bem para alguém com a minha altura.

3. Como foi a experiência de jogar com a Duda em Nanquim?

Eu só a conhecia dos campeonatos. Ela tinha fama de bicampeã mundial, mas nunca tinha passado pela minha cabeça que ela seria minha dupla algum dia. Foi tudo muito rápido. Ela me ajudou muito com a experiência dela e consegui me adaptar às dificuldades.



Legado preservado

TUDO RENOVADO Apesar de prejuízo em 1976 com realização da Olimpíada, Montreal aproveita instalações para atividades esportivas, hóquei e até zoológico

Enviado especial



Luiz Carlos Ferreira
EM MONTREAL (CAN)
luizferreira@lancenet.com.br

Uma das maiores preocupações da Rio-2016, o legado olímpico foi transformado em realidade em Montreal, que recebeu os Jogos em 1976. Mesmo após acumular um prejuízo de US\$ 223 milhões, só dissolvido em 2006, a cidade canadense reaproveitou os equipamentos para a população.

O Montreal Forum, por exemplo, virou um shopping. Foi neste lugar que a romena Nadia Comaneci tirou a primeira nota 10 da história da ginástica artística.

O local, que fica no centro econômico da cidade, não tem lem-



MONTREAL-1976
Confira no LANCENET a galeria de imagens do legado da Olimpíada de 1976, com fotos da área do Estádio Olímpico e do local onde Nadia Comaneci fez história
www.lancenet.com.br

branças do feito olímpico e sim relembranças do Montreal Canadiens, time de hóquei que disputa a NHL. Até 1996, o Montreal Forum foi a casa da equipe. Hoje, a franquia manda seus jogos no Bell Centre.

O feito histórico da ginasta também parece não ter ficado na memória dos canadenses. O L! questionou cerca de dez pessoas, de idosos a jovens, e apenas uma se lembrou do feito: Claudio, que não revelou seu sobrenome, de 54 anos.

—Só lembro porque sou velho, as pessoas são muito jovens para se lembrarem. Vi pela TV—disse.

Outra área a explorada é o Parque Olímpico. O complexo, que reúne o Estádio Olímpico, o Centro de Esportes (que recebeu as modalidades aquáticas) e o Velódromo, fica em um lugar distante da região central, em um bairro de trabalhadores. Eles foram construídos para 1976 e tiveram o orçamento cinco vezes maior do que o previsto.

O estádio funciona cerca de 176 dias por ano e recebe shows musicais e exposições variadas, além de eventos esportivos. Ele foi a casa do time de beisebol Montreal Expos até 2004, quando a franquia se mudou para Washington (EUA) e passou a se chamar Nationals.

O Centro de Esportes é público e agora passa por reformas para receber torneios. Já o Velódromo virou um zoológico que simula os climas do mundo, com animais de cada local, chamado Biodôme.

Desde 2011 o complexo é gerido por David Heurtel, ex-secretário geral de eventos de Québec.



Templo do hóquei Montreal Forum, local onde Nadia Comaneci (no detalhe) tirou o primeiro 10 da história da ginástica, virou shopping com o tema hóquei

Como estão hoje as instalações de 1976

Estádio Olímpico

Após 1976, recebeu uma cobertura sustentada por cabos ligados a uma torre panorâmica, que também serve para turismo. É aberta a visitas ao público, e o ingresso custa US\$ 5.

Biodôme

Velódromo na Olimpíada, deu lugar em 1992 a um zoológico que simula os climas do mundo e tem animais característicos de cada local. Visitantes adultos pagam US\$ 18,75 e residentes de Québec têm desconto de US\$ 3,75.

Centro Esportivo

Local que recebeu os esportes aquáticos

nos Jogos, hoje é aberto para visitas e tem inclusive uma academia de ginástica pública. Continuou recebendo competições após a Olimpíada e hoje passa por reformas para aprimorar a estrutura para os torneios. O Mundial Paralímpico de Natação, realizado no Parc Jean Drapeau, só não foi lá inclusive por conta das obras.

Montreal Forum

Arena poliesportiva no passado, hoje se tornou um shopping dominado por uma rede de cinemas. É decorado com artigos de hóquei e não há qualquer referência aos Jogos. Também tem um boliche, centro de games e restaurantes.

Área olímpica soma atrações turísticas

Além dos equipamentos dos Jogos de 1976, o Parque Olímpico de Montreal comporta um insetário, jardim botânico, planetário e uma rede de cinemas. No local, ainda há o estádio do clube de futebol Montreal Impact, o Stade Saputo.

O prédio da Vila Olímpica também fica próximo da área. Hoje ele é dividido entre escritórios e apartamentos residenciais.

O insetário foi inaugurado em 1990 e reúne mais de 160 mil espécies de insetos. Ele foi construído a partir de uma verba de cerca de

US\$ 600 milhões arrecadada de um fundo de doações.

Já o planetário Rio Tinto Alcan foi inaugurado em abril deste ano, substituindo o antigo, construído em 1966. Mais moderno, ele custou US\$ 48 milhões vindos em sua maioria do governo. Sua principal atração é uma coleção de meteoritos e ele já recebeu até agora aproximadamente 400 mil visitantes.

O jardim botânico fecha o Complexo da Vida, como é chamado, com uma área verde de 75 hectares. Ele foi inaugurado em 1931.



MORTE arquivada

SÃO SILVESTRE
Quase um ano após tragédia, processo sobre morte de cadeirante é arquivado e trajeto é mantido

GUILHERME CARDOSO ERAFAEL VALES
reporterpoi@lancenet.com.br

Um caso arquivado. É dessa maneira que terminou o processo e a investigação sobre a morte do cadeirante Israel Cruz, na última edição da Corrida de São Silvestre, no dia 31 de dezembro do ano passado, em São Paulo. Quase um ano após o ocorrido e na véspera de mais uma disputa – a 89ª da história – tudo ficou no passado.

O atleta se acidentou na descida da Rua Major Natanael ao chocar-se contra o muro do Estádio do Pacaembu no início da prova. Foi levado vivo ao hospital, onde morreu.

O caso foi investigado como homicídio culposo (sem a intenção de matar) pela 23ª Delegacia de Polícia, localizada no bairro de Perdizes. Foram ouvidos árbitros e organizadores da São Silvestre, outros atletas e dirigentes. Além disso, uma perícia

foi feita no local e na cadeira usada por Cruz na disputa da prova.

Nada foi constatado e a conclusão foi de que o acidente teria sido uma fatalidade. O processo foi encaminhado para a 31ª Vara Criminal em junho, quando terminou arquivado.

– Houve uma melhora. Mas acho que a morte dele não serviu como um grande marco. Não aconteceu o que a gente temia, que era abolirem a categoria cadeirante. Mas espera-

va um reflexo mais positivo, uma repercussão melhor. A Yescom (promotora da São Silvestre), por ter sido afetada, melhorou. Mas a profissionalização dos atletas ajudaria. É um contexto maior, uma condição de viver só do esporte. Não repercutiu como gostaríamos – disse ao L! Eduardo Leonel, técnico da Associação Desportiva para Deficientes (ADD).

Cruz estava com 41 anos e morava em Ananindeua, na região metropo-

litana de Belém (PA), com a esposa, um filho, uma filha e duas netas. Ele teve a perna esquerda amputada em 1985 após um acidente e sonhava em disputar uma Paralimpiada.

Apesar da tragédia, o percurso da prova não mudou. A largada dos cadeirantes acontece às 6h50 de manhã. Em seguida, largam os atletas com deficiência. A prova da elite feminina tem início às 8h40 e a masculina, às 9h (horários de Brasília).

+

Cadeirantes agora têm congresso técnico

Apesar de o percurso da Corrida de São Silvestre não ter sofrido alterações após a morte de Israel Cruz, a organização promoveu algumas mudanças no regulamento para os cadeirantes. A partir deste ano, os atletas da categoria precisam participar de um congresso técnico antes da disputa, além de apresentarem atestado médico.

– A Yescom tem feito algumas coisas que solicitamos. Agora, haverá um congresso técnico exclusivo da categoria, e será solicitado atestado médico para o atleta dizendo se está apto. Isso evita aventureiros. O congresso é muito importante e dá oportunidade de soli-

citarmos coisas, como sinalização com fardo de feno – disse Eduardo Leonel, técnico da Associação Desportiva para Deficientes (ADD).

Segundo Leonel, os organizadores de outras provas passaram a mostrar preocupação maior.

– Está sendo gradativo. Na Meia Maratona do Rio e na Maratona de São Paulo foi exigido a presença do atleta ou um representante, se não participassem teoricamente estaria desclassificado – afirmou.

A reportagem tentou contato com a organização da São Silvestre por meio da assessoria de imprensa, mas não teve respostas sobre quem poderia falar sobre a prova.

GUILHERME CARDOSO E RAFAEL VALESI
reporterpoli@lancenet.com.br

Uma cadeira de rodas e uma família para sustentar. Foi isso o que restou para Adriana Mendonça, esposa de Israel Cruz, após o falecimento do marido no fim do ano passado. Moradora de Ananindeua (PA), onde vivia com o atleta, ela teve de voltar a trabalhar após a tragédia. Afinal, ainda precisa cuidar uma filha, um filho, a nora e duas netas.

– Trabalho na Prefeitura de Ananindeua, ajudo na limpeza de um colégio. Abandonei os estudos após o ocorrido. Fazia supletivo e meu marido trabalhava na assistência administrativa da Prefeitura. Não consigo viver apenas com a pensão – afirmou Adriana ao LANCE!

– Passei quase um ano para conseguir o benefício no meu nome. Se não tivesse esse emprego... Não tenho pa-

rente em Belém (capital do Pará), não conheço ninguém – completou.

Adriana se mostrou surpresa ao ficar sabendo que o processo sobre a morte de Israel Cruz tinha sido arquivado. Um advogado estaria ajudando no caso, mas a vida simples

Adriana pensa em vender a cadeira usada pelo marido durante a prova

também dificulta na busca por ajuda ou informações sobre o ocorrido.

Como não poderia ser diferente, a tragédia não foi esquecida. Ainda mais após as dificuldades de depois do acidente. Segundo ela, a organiza-

ção da São Silvestre pouco ajudou. Se não bastasse, a cadeira usada pelo marido na prova só foi enviada para ela no início de dezembro.

– Aconteceu e ficou por isso. Só no começo desse mês liberaram a cadeira. Nunca me ligaram. O pessoal da São Silvestre não ajudou. Tive a perda da do meu marido... Meu marido foi morrer por causa de uma medalha. É um descaso com o deficiente – declarou.

Adriana ainda não sabe a certo o destino que vai dar para a cadeira. Inicialmente, a ideia é tentar vendê-la para ajudar nas finanças. O equipamento foi comprado no Japão e custou cerca de R\$ 23 mil.

Segundo ela, Cruz recebia o salário da Prefeitura e uma ajuda do Governo para poder competir. Agora, tudo ficou no passado. E no presente, só a lembrança e tristeza.

FRASES

“O problema do percurso no nosso ponto de vista era a sinalização. Não era perigoso. No percurso antigo, na Rua da Consolação, era um local mais perigoso, a velocidade era maior. Não houve sinalização e ocorreu o que ocorreu. Na Consolação, os cadeirantes chegavam a 70 km/h, e no final tinha um zigzague para entrar no Minhocão”

“O que se solicita normalmente é sinalização onde tem boca de lobo ou lombada, uma placa avisando que a lombada está próxima, alguma coisa pintada de laranja que se vê de longe. Naquela curva (do acidente), um fardo de feno ajudaria. A guia (da calçada) talvez foi a grande causadora da morte”

Eduardo Leonel
TÉCNICO DA ADD

Bate-Bola

Adriana Mendonça

VIÚVA DE ISRAEL CRUZ EM ENTREVISTA AO LANCE!

-1- O que aconteceu após a tragédia? A organização da São Silvestre chegou a procurar você e sua família ou oferecer alguma ajuda?

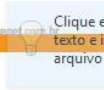
○ Nunca me ligaram, nem me procuraram. Não tinha condições de ir para São Paulo. Fiquei indignada

com esse descaso. Não querem saber da família. Agora, tenho de correr atrás todo dia para comer. Ele queria ajudar os familiares e por isso entrou no atletismo. Minha vontade era ir para São Paulo no dia da corrida. Nem sei o que eu faria...

-2- O que você vai fazer com a cadeira de rodas que ele usou na prova?

○ Demoraram muito tempo para liberar, estragou bastante e não dá pa-

ra arrumar. Mas o quadro está bom. Ela é feita com um material caro, ele trouxe do Japão. Tivemos de abrir mão de muitas coisas para comprar essa cadeira. A organização da corrida não colocou nada. Deveria ter um apoio. O acidente foi em um lugar perigoso. Ele era um atleta reconhecido, batalhou para isso. Não era um amador. Já tinha participado da São Silvestre, disputado uma Meia-Maratona.



FALAMOS COM

Maurren Maggi

>IDADE: 37 >LUGAR: São Paulo, por telefone >SITUAÇÃO ATUAL: sem treinar há três meses, a campeã olímpica no salto em distância pensa em encerrar a carreira

WALTER CARMOGICAT



Maurren Maggi ainda não decidiu se vai seguir no atletismo

'DEI UMA SEMANA PARA DECIDIR SE VOU CONTINUAR'

Saltadora, atleta e mãe, medalha de ouro em Pequim, mãe de Sofia, amante do esporte e guerreira... Em seu perfil no Twitter, essa é a descrição que Maurren Maggi faz dela mesma. Agora, mais do que nunca, ela tem precisado batalhar. Afinal, um pouco mais de cinco anos após a primeira colocação no salto em distância na Olimpíada de Pequim-2008, ela cogita encerrar a carreira por falta de patrocínio. O prazo para decidir: este domingo.

Aos 37 anos e longe dos treinos há três meses, a atleta está sem clube e patrocinador desde o fim de 2012. Os últimos foram o São Paulo Futebol Clube e a Nestlé, respectivamente. Agora, ela tem buscado alternativas para fechar um novo acordo e conseguir boas condições para o treinamento e para sustentar a casa.

A saltadora recebe atualmente uma ajuda mensal do governo federal com o Bolsa Atleta (R\$ 3,1 mil para competidores olímpicos e paralímpicos) e uma outra quantia da Caixa Econômica Federal, patrocinadora da Confederação Brasileira (CBAt). Ela considera pouco para reconquistar os bons resultados.

Até por isso, deu um ultimato ao seu empresário. Ou ele consegue um patrocínio até domingo, ou ela vai repensar a carreira. Uma parada forçada e o retorno para São Carlos, no interior de São Paulo, não estão descartados. Ela, aliás, cogita até mudar de profissão para aumentar a renda.

Depois da conquista olímpica em 2008, a meta inicial de Maurren era seguir até os Jogos de Londres, em 2012. Ela conseguiu, mas, com uma lesão no quadril, não passou da fase classificatória para a final. Depois, a ideia era fazer avaliações anuais sobre sua condição, sempre pensando

nas disputas dos Jogos Pan-Americano de 2015, no Canadá, e da Olimpíada de 2016, no Rio. Mas, talvez, os planos precisarão ser refeitos.

Na temporada passada, a saltadora voltou a sofrer com lesões. Em março, teve uma ruptura dos ligamentos do tornozelo esquerdo em um treino. Em seguida, sofreu uma fígada na coxa direita durante a disputa do Troféu Brasil, em julho. Sem grandes marcas – o melhor salto foi 6,21m, o quinto do país – ficou fora do Mundial de Atletismo, em agosto.

Com tantos problemas, Maurren não esconde a chateação com a atual situação. Em conversa por telefone com o LANCE! na última terça-feira, desabafou. Ainda mais após ver um assalto em frente à sua casa, em São Paulo. Confira a entrevista:

LANCE!: Você já voltou a treinar?

◦ Ainda estou pensando sobre isso. Por enquanto, estou de folga.

L!: Você já tem alguma programação para essa temporada?

◦ Não. É um ano meio perdido. Só tem o Mundial (Indoor) no começo do ano (em março, na Polónia). Hoje, o que me interessa é brigar pelo Pan-Americano de 2015 (em Toronto, no Canadá) e pela Olimpíada de 2016. Isso se eu tiver algum patrocínio.

L!: Como é ser campeã olímpica e ter de buscar patrocínios?

◦ Sinceramente, é muito triste eu aparecer na pista para os amigos como campeã e desempregada. Um campeão olímpico no Brasil talvez não seja um exemplo, um espelho. Tem pessoas que treinam comigo que podem pensar isso. Ao ver que posso estar desempregada, as pessoas não vão me dar valor. Isso acaba

não sendo exemplo. Por mais que a gente vá atrás e comos títulos que tenho, estou brigando por patrocínio. Imagina o restante dos atletas.

L!: Você acredita que a Copa do Mundo de futebol tem afastado os investimentos em outros esportes?

◉ Acho que todo o resto é tão barato que é meio banal pensar dessa maneira. Sou apaixonada por futebol, mas é triste pensar que todos os outros esportes são baratos em comparação a ele. Um atleta do atletismo, dos mais bem pagos, vive com R\$ 10 mil, R\$ 20 mil por mês. É vergonhoso comparar com o futebol. Mas não existe chance e oportunidade de brigar com eles. Tudo o que faço é tentar mostrar que meu esporte é legal, tentar que ele seja bem quisto, tenha visibilidade dos patrocinadores. Sempre fui diferenciada, porque gostava de expor o patrocinador custe o que custar. Depois que fui campeã olímpica, tive patrocinadores que aproveitaram a fase. Espero não me comprometer, mas estou desgostosa com a situação do esporte no país.

LANCE!: Quem eram seus patrocinadores? Quando acabaram os contratos com eles?

◉ Era o São Paulo e a Nestlé. Até tenho conversado com Julio Casares (vice-presidente de comunicações e marketing do São Paulo) para ver se assino. Não procuro outros clubes, sou são-paulina. Gostaria de ficar. Os acordos terminaram em 2012.

LANCE!: E quem te patrocina hoje?

◉ Só tenho o apoio da Caixa.

LANCE!: Como está sua situação financeira atualmente?

◉ Sustento eu e minha filha sozinha.

Hoje, coloco na balança para ver se vale a pena trabalhar ou continuar no esporte. Mas só se tiver patrocinador. Não dá para viver de vento.

LANCE!: Essa situação deixa você muito chateada?

◉ Com certeza. Acabou de acontecer uma situação ruim na minha vida. Teve um tiroteio na frente da minha casa agora. A polícia está aqui. Faz três meses que não entro na pista por falta de patrocínio. É uma falta de respeito querer encerrar a carreira em 2016 e não ter patrocínio até lá, e ter de parar antes.

LANCE!: E o que os membros da Confederação Brasileira de Atletismo falam para você sobre isso?

◉ O pessoal da Confederação é o apoio que tenho até agora. Eles estão do meu lado, indo atrás de patrocínio. Talvez eu até já tenha aberto mão de procurar. É uma vergonha bater de porta em porta procurando. Quero ser quatro vezes campeã pan-americana, quero encerrar minha carreira na Olimpíada de 2016.

LANCE!: Você recebe alguma ajuda

de programas federais?

◉ Recebo do Bolsa Atleta. Mas não coloco no meu orçamento.

LANCE!: Com toda essa situação, você tem algum prazo para definir seu futuro?

◉ Dei uma semana para eu decidir se vou continuar ou não. Talvez eu mude para São Carlos por projetos que tenho, ou mesmo me aposente para viver trabalhando. É até domingo... Falei para meu empresário isso. Conversamos no último domingo e falei para ver em uma semana. Não sou uma atleta cara. Até 2016, é a única medalha que temos (no atletismo feminino). Se continuar assim, vai ser a única que vamos ter em bons anos. Não dá para esperar o melhor de mim, se não tiver uma situação boa no meu esporte. Tenho meus projetos, o Troféu Maurren Maggi para crianças de 7 a 12 anos. Mas é uma ironia. Como vou apoiar um projeto de formação de atletas com tudo isso acontecendo? Tenho de pensar...

Última glória foi o Pan de 2011

⚡ Antes da disputa da Olimpíada de 2016, no Rio de Janeiro, Mauren Maggi tem outro objetivo na carreira: conquistar o tetracampeonato nos Jogos Pan-Americanos, em Toronto (CAN), em 2015. A atleta levou os títulos em Winnipeg 1999, Rio de Janeiro 2007 e Guadalajara 2011.

A edição da competição na cidade mexicana, aliás, marcou o último grande momento na carreira da saltadora. Na ocasião, ela conquistou a medalha de ouro ao saltar

6,94m. Na época, essa foi a sexta melhor marca de toda a temporada.

Já em 2013, Mauren teve como melhor resultado os 6,21m atingidos em maio, durante o GP Brasil de Atletismo, em Belém (PA). Em termos de marca, esta foi a pior temporada da saltadora desde 1996 - ela não competiu em 2004 e 2005, quando ficou suspensa por ter sido flagrada em exame antidoping em 2003.

TCU DEU PRAZO DE 60 DIAS PARA O COB RESTITUIR VERBA GASTA COM RESTAURANTES E IMÓVEIS

Dinheiro acaba em pizza

TCU questiona gastos do COB de quase R\$ 600 mil com verba da Lei Agnelo/Piva entre 2007 e 2008, e ordena a devolução de valores destinados a restaurantes e aluguel de imóveis

FELIPE MENDES
felipem@fance.net.com.br

Churrascaria, rodízio de pizza e aluguel de apartamentos. De acordo com o Tribunal de Contas da União (TCU), este foi o destino de parte da verba da Lei Agnelo/Piva recebida pelo Comitê Olímpico Brasileiro (COB) entre 1º de agosto de 2007 e 31 de julho de 2008. Criada em 2001 com o intuito de gerar o fomento no esporte no Brasil, a lei gerou um gasto para outros fins, segundo relatório do órgão apresentado em plenário no dia 28 de maio deste ano, no valor de R\$593.512,92 (detalhes ao lado).

No relatório do auditor Augusto Sherman Cavalcanti, o COB recebeu no período R\$ 87.365.078,84. Coube ao vice-presidente da entidade, André Ri cher, responder aos questionamentos do TCU.

O mais curioso deles se refere ao pagamento de rodízios de pizza e lanches. Segundo o dirigente, a ali-

Neste mesmo prazo, a entidade tem de restituir o valor pago com dois apart-hotéis e um imóvel na Lagoa.

O TCU também apontou o pagamento de elevados salários – acima do teto do funcionalismo público – a funcionários do COB com verbas da Lei Agnelo/Piva. Como não foi informado o número de funcionários, não é possível calcular o valor gasto. O órgão, porém, cita que, em 2007, as maiores remunerações brutas, relativas ao cargo de superintendente, eram de R\$ 34 mil. Atualmente, alcançam R\$44.440,00.

Assim, o TCU recomendou que a

TCU também questiona o pagamento de elevados salários com verba da Lei Agnelo/Piva

mentação destinou-se ao reforço calórico dos atletas durante o Campeonato Brasileiro de Longa Distância (ES), em março de 2008.

Cavalcanti, no entanto, questionou a justificativa. Ao confrontar as datas das despesas com a data de realização do evento, o relator concluiu ser impossível acatar a explicação, pois ocorre raramente distantes do evento esportivo.

Por conta disso, no acordão publicado no dia 28 de maio, o TCU recomenda que o COB restitua, no prazo de 60 dias, o pagamento de todas essas despesas alimentares.

entidade, em 180 dias, realize pesquisa para obter parâmetros de remuneração. O relator diz ser compreensível que o COB pague os melhores salários do mercado. “Mas, por conta das limitações orçamentárias impostas às confederações, o COB não pode atender indiscriminadamente a todas suas necessidades financeiras, em detrimento das confederações, sob pena de desvirtuar os fundamentos da lei”, diz o relator.

Ao Ministério do Esporte, o TCU enviará determinação para a inclusão de limites remuneratórios para o COB no próximo contrato.

Gastos do COB entre 2007 e 2008 questionados pelo TCU
Montante chega a quase R\$ 600 mil e teve como origem a verba da Lei Agnelo/Piva

R\$ 72.500

Coquetel no Teatro Municipal do Rio de Janeiro (Prêmio Brasil Olímpico). Pagamento feito com intermediação, sem respaldo contratual, de fornecedor que já presta serviços de agência de viagens e turismo (Tamoyo Internacional) ao COB.

JUSTIFICATIVA DO COB - Não se tratou de “festividade”, mas de apoio a realização de evento integrante do calendário oficial do COB, que premia os melhores atletas. Contribui para o fomento e desenvolvimento das modalidades. Sobre a contratação da Tamoyo, explica que o COB pagou o menor preço entre as cotações apresentadas.

R\$ 24.164

R\$ 400 (alimentação em churrascaria, sob a justificativa de reunião, no dia 28 de setembro de 2007) e R\$ 23.764 (buffet para festa de fim de ano para 800 pessoas).

JUSTIFICATIVA DO COB - Erro material na classificação do tipo de recurso utilizado. Será enviada documentação comprovando o erro.

R\$ 7.038,02

R\$ 5.334,52 (aluguel) e R\$ 1.703,50 (condomínio) para pagamento de imóvel na Lagoa a partir de 1º de janeiro de 2008, por 30 meses, a coordenador técnico do COB.

JUSTIFICATIVA DO COB - O aluguel atende técnico que propicia ao COB serviços profissionais em regime de exclusividade. O beneficiário integrou o time elaborador da candidatura olímpica.

R\$ 75.000

Cessão do Teatro Municipal para a premiação de 2007.

JUSTIFICATIVA DO COB - Evento de relevante razão e significado. O local foi o que mais se adequava.

R\$ 201.027,56

Compra de ingressos para a Olimpíada de Pequim-2008 feita com intermediação de fornecedor já prestador de serviços para o COB, mas com informações insuficientes sobre a aquisição, como contrato em língua inglesa.

JUSTIFICATIVA DO COB - A compra dos bilhetes decorre de obrigações assumidas junto ao Comitê Organizador, conforme definido pelo Comitê Olímpico Internacional.

R\$ 4.502

Aluguel em apart-hotel no Leblon (RJ) para dois consultores de empresa, entre 1º de agosto de 2007 e 31 de julho de 2008.

JUSTIFICATIVA DO COB - A despesa resulta de obrigação contratual com a firma contratada para a elaboração do dossiê de candidatura do Rio aos Jogos Olímpicos de 2016.

no dia 14 de março de 2008); R\$ 362,38 (38 lanches em 20 de fevereiro de 2008); R\$ 380 (40 lanches); e R\$ 3.294 (jantar de massas no dia 10 de março de 2008).

JUSTIFICATIVA DO COB - A alimentação destinou-se ao reforço calórico dos atletas em treinamento durante a realização do Campeonato Brasileiro de Longa Distância (ES), em março de 2008. É prática, em campeonatos dessa grandeza, acontecer algum almoço ou jantar que marque a abertura ou o encerramento. A despesa foi prevista no projeto e a escolha do restaurante deu-se em razão de ser o restaurante do hotel oficial do evento.

A LEI AGNELO/PIVA

Criação

A Lei 10.264, popularmente conhecida como Lei Agnelo/Piva, foi sancionada em 16 de julho de 2001 pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso. É de autoria do então senador Pedro Piva e do então deputado federal Agnelo Queiroz.

O que prevê a lei

Prevê que 2% da arrecadação bruta das loterias federais, descontadas as premiações, sejam destinados ao COB (85%) e ao Comitê Paralímpico Brasileiro (15%). Do total arrecado por essas instituições, 10% deverá ser

investidos no desporto escolar e 5% no desporto universitário.

Objetivo da lei

Com este recurso, as entidades esportivas passaram a contar com renda perene para investir em projetos visando à preparação dos atletas e à participação em competições, além da aquisição de equipamentos e da contratação de pessoal especializado, como treinadores, entre outras ações.

Auditoria

Por se tratar de recurso público, a verba da lei é fiscalizada pelo Tribunal de Contas da União e pela Controladoria Geral da União.

COB cumprirá recomendações

Em nota, o COB ressaltou que as recomendações no relatório serão rigorosamente cumpridas a fim de sempre aperfeiçoar a gestão. “O processo foi arquivado e muitas das observações já foram cumpridas. As demais providências serão tomadas dentro do prazo estipulado”, afirma o COB. O órgão também diz que tem realizado cursos de gestão e administração de convênios e contratos para que a aplicação de recursos seja a mais eficiente possível.

MAIS CRÍTICAS

TCU TAMBÉM QUESTIONA GASTO ADMINISTRATIVO

Em seu relatório, o TCU também questiona o excessivo gasto administrativo do COB. Segundo o órgão fiscalizador, dos R\$ 42.031.383,44 que ficaram com a entidade em 2007 – R\$ 37.463.754,16 foram para as confederações –, R\$ 22.955.717,40, foram gastos para este fim, ou seja 55%. Segundo o TCU, um dos grandes vilões é o aluguel da sede na Barra da Tijuca, na Zona Oeste do Rio de Janeiro. O imóvel foi alugado em 2005 por cinco anos no valor de R\$ 110 mil mensal. Durante esse período, foi reajustado e, em 2010, chegou a R\$ 133.518,41. A partir daí, a situação se

agravou e hoje atinge R\$ 260 mil. “Desse modo, apenas com o aluguel da sede, o Comitê atualmente possui um orçamento anual superior a qualquer orçamento de confederação”, diz o relatório do TCU, recomendando que o COB diminua “substancialmente” o gasto com sua sede para amortizar o uso da verba da Lei Agnelo/Piva. O TCU deu prazo de 240 dias para que o COB finalize a disponibilização em seu site as informações julgadas relevantes à sociedade, inclusive os salários dos funcionários pagos via Lei Agnelo/Piva.

2006
Parceria conquista o bicampeonato no Circuito Mundial e no Circuito Banco do Brasil.

2005
Juliana e Larissa despontam na modalidade ao serem campeãs do Circuito Nacional e do Circuito Mundial. No Campeonato Mundial, em Berlim (ALE), ficam com a prata.

2004
Juliana retoma parceria com Larissa, com quem atuou nas categorias de base. Dupla disputa a temporada inteira do Circuito Mundial, e vence uma etapa, em Mallorca (ESP).

2003
Recuperada da lesão, a paulista estreia no Circuito Mundial adulto, ao lado da consagrada Jacqueline Silva. No Campeonato Mundial do Rio de Janeiro, a parceria fica em nono lugar.

2002

2007
Em alta, Juliana e Larissa são tricampeãs no Circuito Mundial e no Circuito Banco do Brasil, e ficam com o ouro no Pan do Rio. No Campeonato Mundial em Gstaad (SUI), levam o bronze.

2008
Juliana vive um de seus maiores dramas da carreira, ao romper o ligamento cruzado anterior do joelho direito no Grand Slam de Paris (FRA) e ficar fora da Olimpíada de Pequim.

2009
Após se recuperar da lesão, Juliana volta a atuar em g... estilo, e leva o tetracampeonato do Circuito Mundial... Juliana. No Campeonato Mundial em Stavanger (NOR)... uma vez elas ficam perto do título, mas acabam com...

'NÃO PENSO MAIS NA SELEÇÃO BRASILEIRA'

A mágoa de Juliana com a Confederação Brasileira de Vôlei (CBV), após a jogadora ser dispensada da Seleção Brasileira de vôlei de praia, em maio, parece ainda não ter passado. Apesar de não deixar este sentimento explícito, a atleta de 30 anos transpareceu nas entrelinhas, em entrevista ao LANCE!, uma certa insatisfação com o que aconteceu. E disse que não pensa mais em Seleção Brasileira.

Aliás, este foi o único assunto que a multicampeã nas areias ao lado de Larissa não quis se aprofundar, em um bate-papo por telefone dividido em dois dias. Juliana falou de tudo, até mesmo do casamento de sua ex-companheira nas quadras com a também jogadora de vôlei de praia Lili. Mas preferiu se silenciar quando o assunto foi jogar pela Seleção.

Mesmo descartando a possibilidade de voltar ao grupo liderado pelo técnico Marcos Miranda (que disse em maio que Juliana não estava preparada para integrar a equipe), a paulista nascida em Santos tem o so-

nho de ganhar a medalha de ouro na Olimpíada do Rio, em 2016. Até lá, a atleta terá a missão de convencer a CBV a colocá-la de volta entre as principais jogadoras do país.

O caminho começa hoje, com a abertura da temporada 2013/2014 do Circuito Banco do Brasil, em Recife. Sem Larissa, Juliana terá Maria Elisa como parceira. Será o primeiro torneio da campeã mundial em 2011 no país depois dos problemas.

LANCE! Como você chega para esta primeira etapa do Circuito Banco do Brasil após um tempo sem disputar competições oficiais no país?

As coisas se desenharam da pior maneira possível. Nada aconteceu como eu queria, e eu não estou treinando com a Maria Elisa, que é a minha parceira oficial. Talvez eu jogue a etapa de Recife sem sequer treinar antes com ela, que está

treinando apenas com a Ágatha para o Circuito Mundial.

LI: Como superar a falta de entrosamento com a Maria Elisa para vencer o torneio no Recife?

Para melhorar isso, vou chegar lá em Recife e jogar como se estivesse no Rainha da Praia. Eu desafio a mim mesma para vencer este torneio. Não quero mostrar nada para ninguém, só voltar a fazer o que gosto sem ser impedida por ninguém. O título, se vier, será consequência.

LI: Vencer o Circuito Banco do Brasil passa a ser o seu maior objetivo?

Com certeza. O ano está começando agora para mim. Eu não tive o primeiro semestre como as outras, que disputaram o Campeonato Mundial e o Circuito Mundial.

LI: Não estar disputando estes torneios de nível internacional pode ser um problema para você?

Pode ser que sim ou que não. A falta de ritmo vai ser compensada com determinação e vontade. Elas podem estar melhores em quadra, mas eu talvez es-



>IDADE: 30 > ENTREVISTA: por telefone, dividida em dois dias >PRÓXIMO TORNEIO: Circuito Banco do Brasil, que começa hoje >ASSUNTOS: corte da Seleção Brasileira, Larissa e Olimpíada

JOÃO PIRES
joao@lancenet.com.br



2010

Juliana e Larissa levam o penta no Circuito Mundial e voltam a ser campeãs no Circuito Brasileiro, com o quarto título.

2011

Parceria chega à sua consagração máxima no vôlei de praia, com os títulos no Circuito Mundial, no Circuito Banco do Brasil, no Pan-Americano de Guadalajara (MEX) e no Campeonato Mundial em Roma (ITA).

2012

Enfim, Juliana e Larissa ganham a primeira medalha olímpica, com o bronze nos Jogos de Londres. Dupla também obtém o heptacampeonato no Circuito Mundial. No fim do ano, as parceiras se separam, já que Larissa se retirou das quadras para ser mãe.

2013

Juliana entra em conflito com a CBV e é cortada da Seleção Brasileira. Comissão, fica fora da disputa do Circuito Mundial.



31

Na ativa Juliana jogará no Circuito Nacional hoje

© MUSAÇÃO/CPV



teja mais renovada, enquanto elas podem estar cansadas.

LI: Como você tem treinado durante estes últimos meses?

Eu venho treinando sozinha, até gosto disso. Tenho de treinar para me aproximar do jogo que vou fazer com a Maria Elisa.

LI: Como foi a etapa do Campeonato Russo que você disputou em julho deste ano e foi campeã?

Foi ótima. Eu estava sem treinar há um tempo, mas a minha parceira (a russa Maria Prokopenko) era muito boa e estava com muita vontade de vencer. Mas o diferencial mesmo foi o tratamento que eu tive por lá e isso me fez muito querer ganhar. Eu fui recebida lá como nunca fui no Brasil. Tive de atravessar o oceano para ser tratada desta forma. O respeito foi muito grande e eu fiz do limão o limonada para vencer aquela competição e retribuir o carinho.

LI: Você ainda pensa em retornar à Seleção Brasileira?

Eu não penso mais na Seleção. Agora só penso em ser feliz e vencer torneios com a Maria Elisa.

LI: Como você avalia o Circuito Nacional de vôlei de praia?

O Circuito Banco do Brasil é um dos mais fortes do mundo. Eu costumava brincar que para mim era um modo de quem fosse jogar o Circuito Mundial chegar mais forte. É um torneio de luxo para os brasileiros, já que aqui nós podemos disputar o vôlei de praia de janeiro a janeiro. Os outros países são atrapalhados pelo clima e não podem fazer o mesmo.

LI: Quem você enxerga como forte candidato do Brasil para a Olimpíada de 2016 no Rio de Janeiro?

O Brasil sempre vai ficar entre os primeiros do mundo, devido ao circuito forte que tem. Mas prefiro não apontar ninguém como aposta. Até porque não estou acompanhando os torneios internacionais.

LI: E porque não está acompanhando as competições internacionais?

Não acompanhei as etapas do Circuito Mundial e nem o Campeonato Mundial porque para mim é ruim ver, pelo fato de estar fora da disputa. Não é ruim, é péssimo.

LI: Você tem mantido contato com a Larissa? Ela te aconselhou sobre esses problemas?

Eu conversei com a Larissa recentemente para desejar felicidades nesta nova fase da vida dela, já que vai ser mãe e se casou também. Sobre essas coisas ruins e estes problemas, não conversamos porque não faz bem nem a ela nem a mim.

LI: Como você viu a questão do casamento da Larissa com a Lili?

Acho que o que importa é que ela seja feliz. Ela tem de lutar pela felicidade dela e eu não julgo isso. Quem sou eu para dizer o que é certo e o que é errado? Se existe respeito e amor, é válido. De que adianta ser de sexos opostos, se não tem carinho e amor?

LI: O que muda da Larissa para a Maria Elisa em termos de jogo?

Eu não posso dizer o que muda da Larissa para a Maria Elisa, não tem como fazer essa comparação. A Maria treinou muito mais com a Ágatha do que comigo. Ainda não tive tempo de me entrear com ela.

LI: O que achou do fato de a Larissa ter encerrado a carreira cedo?

A Larissa não encerrou a carreira, ela deu apenas um tempo. Eu acho que tem chances dela voltar. Diria grandes chances. Até porque existe tempo para ela voltar.

LI: Se ela voltar, será para fazer dupla com você? Sonha em voltar a jogar com a Larissa?

Não sei, em princípio não porque eu tenho todo um projeto com a Maria Elisa e não sei dizer se será com ela ou não. No momento eu sonho em jogar com a Maria Elisa, já que nem tive oportunidade ainda direito. Jogamos somente quatro etapas do Circuito Brasileiro passado e sem treinar direito. Não deu para fazer o que queremos ainda.

LI: Qual o seu grande objetivo daqui para frente no vôlei de praia?

Eu quero fazer um bom Circuito Brasileiro, acho que eu e Maria Elisa temos condições de lutar pelo título. Quero poder treinar com ela porque a gente ainda tem muito o que dar uma para a outra. Eu realmente espero que isso aconteça e tenhamos sucesso no circuito.

LI: Você tem algum sonho a se realizar neste restante de carreira?

Tenho sim. Ainda falta uma coisa na minha carreira. Acho que tenho condições e idade para ganhar uma medalha de ouro na Olimpíada. De preferência no Rio de Janeiro.

E+

www.lancenet.com.br

MATERIAL EXCLUSIVO
LANCE!NET

Relembre o corte de Juliana da Seleção Brasileira: como foi, o que foi dito e a repercussão do caso

Veja como está a situação atual do vôlei de praia brasileiro no Circuito Mundial sem a presença de Juliana



Opinião
Daniel Bortolotto, colunista de vôlei do L1, fala sobre o momento de Juliana

GALERIA DE FOTOS



Melhores momentos

Veja no LANCE!Net uma série de imagens com fatos marcantes da carreira de Juliana no vôlei de praia.

Trocas marcam início de circuito

A primeira etapa da principal competição do vôlei de praia brasileiro, o Circuito Banco do Brasil, começa hoje em Recife (PE). O torneio, que será disputado na Praia do Pina até domingo, vai marcar a reorganização de algumas duplas que vêm jogando separadas na Seleção Brasileira.

Além de Maria Elisa e Juliana formarem equipe, Ágatha vai jogar com Bárbara Seixas, que é parceira de Lili no Circuito Mundial. Esta, por sua vez, jogará com Rebeca no circuito brasileiro.

No masculino, além do retorno de Allison e Emanuel como parceria, Ricardo vai formar dupla com o veterano Márcio. Álvaro, parceiro de Ricardo na Seleção Brasileira, jogará com Edson Filipe.

Anexo X: Entrevista com Daniel Bortoletto, editor-executivo do *Lance!* no Rio de Janeiro, concedida ao autor em 2/10/2014, na redação do *Lance!*

1) Primeiro, vamos voltar a 1999, quando você chegou ao Lance. Como você descreveria a cobertura dos esportes olímpicos/outros esportes do jornal e do site nessa época? O que havia de diferente de hoje em relação a temas, seções, divisão de tarefas na equipe, espaço, etc.?

Em 1999, o *Lance!* tinha um espaço muito maior do que hoje. Tanto que, minha primeira função no jornal foi ser setorista de futsal. Havia um setorista para cada modalidade (vôlei, basquete, futsal, handebol). O espaço físico do Poli era maior, porque o espaço do futebol era menor. A divisão era mais igual. Hoje, as pessoas fazem um pouco de tudo. Talvez essa seja a maior diferença. Chegava a ter sete, oito páginas por dia de Poli. Lembro que em rodada de Campeonato Paulista de Vôlei a gente esperava os jogos acabarem para dar uma página, mesmo que não valesse nada, fosse primeira fase. Era uma cobertura muito diferente. Não tinha internet como tem hoje. Talvez déssemos valor a coisas que não fossem tão importantes. Era uma cobertura diária e extensa. Cansei de cobrir vôlei em Suzano e futsal em São Caetano.

2) O Manual de Orientação Editorial de 2008 estabelecia uma hierarquia entre os esportes abaixo do futebol. Isso sempre orientou a produção?

No começo, não. É uma lógica mais recente, que veio a partir de pesquisas que o *Lance!* fez com leitores, para saber o que eles mais queriam ler. Uma dessas pesquisas mostrou que queriam ler muito esporte a motor, então passou-se a valorizar mais isso em um determinado momento. Talvez na Era Schumacher, quando tinha o Barrichello envolvido naquelas marmeladas. Na época do Guga, o tênis foi valorizadíssimo aqui, teve até capa. Depende muito do momento.

3) Houve uma diminuição do número de capas dedicadas aos esportes olímpicos com o passar dos anos?

A disputa do esporte olímpico com o futebol por uma capa é desigual, por causa da paixão do brasileiro pelos clubes. O Poli tem capas em momentos-chave e tem capa sempre em Olimpíada, desde Sydney. Se for feita uma conta, considerando esses períodos de quatro Olimpíadas, você tem aí pelo menos 150 capas de Poli. Acho que é um número

considerável, considerando essa cultura do futebol. Em alguns casos, como em vitória de clube e um grande evento de esporte olímpico, a gente discute com a direção. Quando os clubes não concorrem, só facilita. Se os clubes tivessem ganhado nesses três casos, o destaque aos esportes olímpicos ainda sim existiria.

2) O Lance começou sua história em 1997 como um jornal voltado para o futebol, com foco nos grandes clubes. Quais foram no decorrer desses anos as estratégias do diário e do site para tornar os esportes olímpicos visíveis, já que o futebol é a prioridade?

Sempre que houver um bom personagem, que conte uma boa história, ele vai ter espaço. Esporte olímpico é recheado disso. Você não tem só um Usain Bolt, uma Sharapova, uma Isinbayeva, um Giba, mas um monte de história humana interessante de ser contada. Às vezes você ganha um espaço com essas histórias. Em Pequim (2008), não fui fazer a cerimônia de abertura, porque havia um limite de credenciados para toda a imprensa. Fui assistir em uma praça na cidade. Pensei: “não vai render nada”. Mas entrei no metrô e vi um cara com uma credencial. Era um velocista nigeriano que tinha sido campeão mundial nos 100 metros rasos. Fui batendo um papo com ele e consegui uma boa matéria. Às vezes a pauta cai no seu colo.

3) Qual é sua avaliação sobre o espaço dado atualmente pelo *Lance!* e pelo *Lancenet!* aos esportes olímpicos? O que considera como o diferencial do grupo nesse tipo de cobertura?

Sobretudo, manter um espaço fixo para os esportes olímpicos em cada edição. Outros jornais não o tem. Querendo ou não, diante das circunstâncias e da diminuição do espaço do *Lance!*, o leitor sabe que ali ele vai encontrar um espaço para quem gosta do Poli. Hoje, você pode vender isso para o cara no dia anterior, por meio do Twitter, por exemplo. Se você avisa que a edição do dia seguinte vai ter três páginas só de Flamengo campeão mundial de basquete, o leitor que gosta desse esporte vai querer ir na banca comprar. Aprender a divulgar esse conteúdo pode ser muito importante.

5) Nesses 15 anos, que cobertura(s) você elegeria como a(s) melhor(es) feitas pelo Lance nos esportes olímpicos?

Toda grande conquista é o que fica na memória. Lembro de ter feito oito páginas de vôlei depois da final de Brasil x Estados Unidos na Olimpíada de Pequim (2008). Era uma conquista inédita, o Zé Roberto (técnico do Brasil) era um personagem importante, porque tinha sofrido uma grande derrota em Atenas (2004), assim como algumas jogadoras. Não lembro de ter feito oito páginas de um clube recentemente. Guardo como especial pela dimensão da conquista.

6) O que muda de Londres-2012 para Rio-2016 no Lance? Quais as suas perspectivas para a cobertura de uma Olimpíada em casa?

É difícil saber. Nunca houve uma cobertura desse tamanho no quintal de casa. Da mesma forma, foi difícil saber como seria na Copa do Mundo (de futebol, em 2014). Foi uma cobertura difícil, e imagino que na Olimpíada será ainda mais, porque não será um esporte só. Você não consegue ter repórter em todos os locais de competição. Então, um dia você está na vela e tem que se deslocar pela cidade porque o judô pode ganhar medalha. Tem que ver como estará o calendário do futebol na época, mas, sem dúvida, haverá uma canalização da redação para a Olimpíada.

7) Como você está vendo a transição do papel para o digital no Lance? Considera o impresso ameaçado? Até quando acredita que ele sobreviverá?

Acho que continuará sendo importante. Não vejo um fim imediato. Acredito que o papel irá se reinventar, assim como se reinventou outras vezes. Quando surgiu o jornal popular de R\$ 0,25, todo mundo imaginava que era uma revolução, vários morreram, mas outros sobreviveram. Quando os jornais gratuitos apareceram, foi a mesma discussão. E os jornais pagos continuaram. Certamente o público consumidor está diminuindo, assim como o número de bancas. As pessoas não passam mais na banca simplesmente para comprar jornal, porque ela é quase uma loja de tudo. Antes, uma banca vendia jornal e outras coisas. Agora, ela vende tudo e também jornal. É uma mudança de hábito do consumidor que impacta o jornal. É difícil prever.

8) Como é a rotina de produção do site e do diário, considerando que há duas redações (RJ e SP)?

O espaço da edição é quase um pedido do editor. Muitas vezes, não conseguimos atender. Tentamos manter o pedido. Na capa, é tentar mensurar o que é mais importante. Acho até

que poderíamos dar um valor maior a algumas chamadas. Na correria, às vezes acabamos chamando menos um assunto do que outros. Talvez seja um caminho a corrigir.

9) O que você pode falar sobre o espaço dos esportes olímpicos a partir dessa mudança por que a empresa passa, com menor gente na redação e foco no digital?

Vamos acabar tendo que escolher temas em detrimento de outros. Vamos apostar nesse tema, esgotá-lo, e pensar que outros assuntos poderão ficar só no digital, por já terem acontecido há mais tempo. Um evento de manhã, por exemplo, não vai merecer uma chamada de capa no dia seguinte, quase 24 horas depois de ter acontecido. Teremos que imaginar uma competição entre os assuntos e optar pelos melhores.

10) Em geral, o *Lance!* (Diário) sempre foi marcado por um diferencial em relação ao *Lance!Net*. Acha que a tendência é essa lógica se inverter?

Acho que a originalidade já está no site e talvez se acentuará mais. O jornal vai continuar tendo seu diferencial em relação ao site, como uma melhor contextualização, uma análise de especialistas diferentes. Vejo os dois como complementares. O que não pode é o leitor ter a impressão de que tudo o que ele leu no jornal já estava no site no dia anterior. Esse é o pior caminho. O cara tem que sentir que está valendo a pena gastar R\$ 1,50.

10) Conte um pouco como foi sua trajetória no *Lance!* até se tornar editor-executivo no Rio de Janeiro.

Comecei como estagiário em 1999. Fiz prova e tive que assistir a um Corinthians x Mogi Mirim pela tevê, um 0x0, e fazer uma crônica. Jogo chatíssimo. Fazia faculdade em Campinas, na PUC, e viajava todo dia para São Paulo. Quando entrei, estava na metade do terceiro ano. Fui contratado e fiz quase sempre poliesportivo. Muito pouco futebol. Comecei ter as primeiras chances de ajudar em fechamento e edição. Ainda como repórter, em 2004, resolvi sair e fui para Belo Horizonte, porque minha atual esposa morava lá e resolvemos nos casar. Depois de alguns meses, o *Lance!* montou uma redação lá e me chamaram para ajudar a montar a redação e ser editor. Fiquei lá de 2005 até 2008. Na volta de Pequim, o Luiz Fernando (editor-chefe) me chamou para o desafio de ser editor aqui no Rio, no lugar do Eduardo Tironi. Inicialmente, fui simplesmente editor-executivo e agora sou mais um editor-executivo de produção multimídia.

Anexo XI: Entrevista com Rafael Valesi, editor de Poliesportivo do *Lance!Net* e ex-editor de Poliesportivo do *Lance!*, concedida ao autor em 2/10/2014, por e-mail.

O que destaca como principais mudanças na cobertura dos esportes olímpicos desde quando você entrou no *Lance!*?

Muita coisa mudou na cobertura dos esportes olímpicos desde 2005. Nesse período, a equipe era grande (por volta de oito ou nove pessoas), havia um subeditor da redação do Rio de Janeiro (o editor do núcleo poli ficava em São Paulo) e muitos repórteres com certa experiência. Com o passar dos anos, o time foi diminuindo. Com isso, a qualidade do material caiu. Em meados de 2005, por exemplo, dávamos muito mais atenção e espaço a competições regionais de Rio e São Paulo, como campeonatos estaduais de vôlei e basquete. Hoje, isso praticamente inexistente. Outra grande mudança foi a necessidade de se produzir conteúdo para o *Lance!Net*. Em 2005, não havia essa exigência. Então, tratava-se de uma equipe numerosa, e que tinha como objetivo produzir reportagens apenas para o *Lance!*. Com isso, a qualidade do material era melhor. Com o fortalecimento do *Lance!Net* e a necessidade de se produzir conteúdo tanto para a mídia impressa (*Lance!*) e para a digital (*Lance!Net*) o tempo para a apuração de reportagens especiais diminuiu. O processo se transformou ainda mais com a diminuição da equipe nos últimos anos. Antigamente a busca das redações era pela qualidade nas reportagens. Hoje, a orientação é pela quantidade. Isso gera um impacto muito grande no que é publicado.

Mas, em linhas gerais, não houve grandes transformações nos assuntos publicados pelo veículo, mesmo com as mudanças citadas acima. A principal mudança de fato foi a diminuição no enfoque para competições regionais.

Qual a sua opinião sobre o espaço dos esportes olímpicos no jornal?

O espaço sempre foi menor do que o ideal, devido à disputa com o futebol, que tinha quase todo o espaço do diário. Nem mesmo a escolha do Rio de Janeiro para sediar a Olimpíada de 2016 mudou este panorama. Muito pelo contrário. Com o enfoque da empresa cada vez mais na produção digital, o espaço está cada vez mais diminuindo. Creio que o espaço poderia ser como é em veículos do exterior, como o *Olé* (Argentina), *L'Equipe* (França) e *Marca* (Espanha), onde as modalidades olímpicas são muito mais valorizadas e às vezes até mesmo são a capa do diário. No *Lance!*, as capas de assuntos poliesportivos são raríssimas.

E no portal?

A cobertura poliesportiva no portal tende a ganhar um pouco mais de espaço. Um reflexo positivo já pode ser observado nos últimos meses, com a introdução de mais chamadas de matérias poliesportivas na home page do site. Mas, por outro lado, nem por isso a qualidade deve melhorar, com a redução do número de jornalistas para produzir conteúdo.

Quais os principais critérios que pautam a produção relacionada a esses esportes?

Em primeiro lugar, o *Lance!//Lance!Net* tem uma orientação muito forte para modalidades olímpicas. Dentro desse mundo, ganham mais destaque esportes como basquete, vôlei, tênis, judô, vela, natação, atletismo, entre outros, que são geralmente as modalidades em que o Brasil consegue mais destaque e medalhas. Também possui um bom destaque a cobertura da evolução do Rio de Janeiro para sediar a Olimpíada de 2016, e a Fórmula 1, que sempre teve um espaço de destaque no diário por ter muitos leitores interessados.

O que você identifica como diferencial do *Lance!//Lance!Net* em relação à concorrência na cobertura dos esportes olímpicos?

O diferencial, ao meu ver, é que, apesar do espaço não ser grande para este segmento do esporte, ainda é maior do que em outros veículos. O *Lance!//Lance!Net* é bem visto principalmente entre assessorias de imprensa de atletas e equipes do mundo poliesportivo, que enxergam o veículo como uma das principais referências e mostram interesse em ter o nome de seus clientes principalmente nas páginas do diário.

Como foi a cobertura dos Jogos de Londres? Como a equipe foi dividida, quem fez o que, e onde, que avaliação faz do resultado? Alguma matéria de maior destaque?

O veículo enviou para Londres dez pessoas. Quatro repórteres credenciados ficaram responsáveis pela cobertura de todas as modalidades; um quinto credenciado cobriu exclusivamente a competição de futebol masculino; um fotógrafo, que era pautado de acordo com o pedido dos repórteres; duas produtoras de conteúdo para a *Lance! TV*, não credenciadas, que fizeram geralmente matérias externas à competição na cidade; um repórter não credenciado, que teve função semelhante à das produtoras de conteúdo da TV, mas com enfoque no jornal; e um editor, que escreveu uma coluna diária no jornal.

A divisão e a produção de conteúdo, dentro do número de pessoas enviadas, considero que foi muito boa. Com uma equipe não muito extensa, fica inviável cobrir todas as

modalidades e todos os brasileiros em ação nas arenas. Mas, por outro lado, tínhamos um repórter em todas as 17 vezes que o Brasil conquistou uma medalha no evento.

Durante uma Olimpíada, é muito difícil fazer uma cobertura diferente dos demais veículos, devido à grande concorrência. Então, não considero que o *Lance!* tenha feito alguma matéria de maior destaque neste período.

E o que muda para o Rio-2016?

Para a Olimpíada de 2016, ainda está cedo para se desenhar um cenário dentro do *Lance!*. A empresa está passando por transformações profundas, como no tamanho de funcionários e no processo de trabalho dentro da redação. E isso deve ter um impacto direto na cobertura.

Como editor, o que acha que ainda pode ser melhorado na produção relacionada a esses esportes?

O que pode ser melhorado, ao meu ver, é uma cobertura ampla de todas as modalidades da Olimpíada de 2016. O Brasil terá competidores em todas as modalidades, mas esportes como badminton ou hóquei sobre grama são pouco divulgados. Mas a produção ainda bate na barreira de mão de obra nas redações. A maioria dos repórteres trabalha com futebol, e não têm conhecimento ou interesse para cobrir as modalidades olímpicas. Na minha opinião, corre-se um grande risco em 2016 de repórteres com pouca experiência olímpica trabalharem na cobertura da Rio-2016 e cometerem erros.

Como foi a elaboração das seções olímpicas? Lembra qual foi e quando foi a primeira matéria?

As seções olímpicas foram elaboradas antes da Olimpíada de Pequim-2008, na intenção de introduzir os leitores a assuntos e atletas pouco divulgados, como jovens atletas (Plantando Medalhas), atletas paralímpicos (Esporte para Todos) e modalidades com menos destaque (Radar Olímpico). Não me recordo quando foi a primeira matéria publicada.